

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

KÊMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA

FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

SÃO MATEUS-ES

2021

KÊMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA

FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Orientador: Dr. Pablo Ornelas Rosa.

SÃO MATEUS-ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

A447f

Almeida, Kêmeron Chagas dos Reis.

Fato ou *fake* – Como lidar com as *fake news* em sala de aula / Kêmeron Chagas dos Reis Almeida – São Mateus - ES, 2021.

69 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa.

1. *Fake news*. 2. Pensamento crítico. 3. Educação.
4. Comportamento humano. I. Rosa, Pablo Ornelas. II. Título.

CDD: 370.111

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

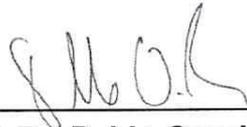
KÊMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA

FATO OU FAKE - COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

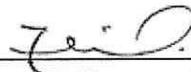
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração a Educação e a Inovação.

Aprovado em 13 de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Poliana Daré Zampirolli Pires
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

RESUMO

Este estudo visou apresentar discussões sobre como lidar com *fake news* em sala de aula, considerando a crescente onda de *fake news* que temos vivido nos últimos anos, sendo causadores de grandes injustiças. Fez necessário analisar a visão de mundo que esse professor tem, seus posicionamentos políticos bem como sua capacidade de reconhecer essas notícias falsas para que de fato ele venha incentivar o aluno a ser uma pessoa crítica, investigadora de forma mais eficiente possível. Para isso, foi realizada uma análise documental cujo campo de coleta de dados abrange as escolas da rede pública de ensino do município de Presidente Kennedy – ES. Como sujeitos desta dissertação foram pesquisados professores da área de humanas (geografia, história e sociologia) e a aplicação do questionário no Google Formulários foi feita com dez educadores desse público-alvo, e desses dez, apenas três participaram da entrevista semiestruturada. Com base nas respostas obtidas pôde-se perceber que nem todos os professores reconhecem como *fake news* notícias comprovadamente falsas, bem como não possuem cientificidade em seus discursos enquanto educadores o que pode acarretar num ensino cuja criticidade não seja tão eficiente. Visando atender melhor aos professores, e por consequência os alunos, como produto final desta dissertação foi elaborado um guia didático com sugestões e orientações de como não cair em notícias falsas, as chamadas *fake news*.

Palavras-chave: *Fake News*. Criticidade. Ensino.

ABSTRACT

This study aimed to present discussions on how to deal with fake news in the classroom, considering the growing wave of fake news that we have been experiencing in recent years, causing great injustices. It made it necessary to analyze the world view that this teacher has, his political positions as well as his ability to recognize this fake news so that he will in fact encourage the student to be a critical, investigative person in the most efficient way possible. For this, a document analysis was carried out whose data collection field covers public schools in the municipality of Presidente Kennedy - ES. As subjects of this dissertation, professors in the humanities (geography, history and sociology) were surveyed and the questionnaire was applied in Google Forms with ten educators from this target audience, and of these ten, only three participated in the semi-structured interview. Based on the answers obtained, it was possible to perceive that not all teachers recognize as fake news demonstrably false news, as well as they do not have scientificity in their speeches as educators, which can lead to a teaching whose criticality is not so efficient. In order to better serve the teachers, and consequently the students, as a final product of this dissertation, a didactic guide was prepared with suggestions and guidelines on how not to fall for lying news, the so-called "fake news".

Keywords: Fake News. Criticality. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 DA JUSTIFICATIVA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA	7
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSOR E ALUNO	12
2.2 DA NECESSIDADE DA INFORMAÇÃO À PRESENÇA DAS <i>FAKE NEWS</i>	15
2.3 AFINAL DE CONTAS, O QUE É VERDADE? UM POSICIONAMENTO CRÍTICO EM MICHEL FOUCAULT	23
3 PERCURSO METODOLÓGICO	26
3.1 PRODUTO DA PESQUISA	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	53
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS.....	54
APÊNDICE B - ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS	56
APÊNDICE C - GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E PÚBLICO DIVERSO.....	57
ANEXOS	63
ANEXO A - PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA	64
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO	68
ANEXO C - AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR DA ESCOLA ESTADUAL	69

1 INTRODUÇÃO

O mundo globalizado, principalmente este que emerge no século XXI através das plataformas digitais, nos expõe cada vez mais ao acesso à informação e comunicação mediados por máquinas digitais que, com um simples clicar, nos permite acessar diferentes pessoas e lugares instantaneamente. Estamos a todo momento conectados a tudo e a todos, buscando dados sobre tudo e sobre todos. A alguns anos atrás, as pessoas só se informavam através do rádio e/ou televisão e, por muitas vezes à noite, pois era o momento que a maioria da população reservava para acompanhar os acontecimentos de sua cidade, estado e país, bem como de outras regiões do planeta. Isso sem falar naquela parcela populacional que tinha o hábito de ler as notícias em jornais impressos, uma realidade que não cabia em todos os contextos.

Quantas pessoas ficaram sabendo no exato momento em que ocorreu o ataque às torres gêmeas nos EUA, em 2001, por exemplo, com a exceção, é claro, das pessoas que coincidentemente estavam assistindo à TV no momento em questão e foram interrompidas pelos repórteres de plantão, apresentando a supracitada notícia? Ou ainda, quantas pessoas ficaram sabendo no exato momento em que o plano real foi aprovado em 1994? Essas questões parecem evidenciar que o tempo e, principalmente, a velocidade na circulação de informações, bem como a comunicação entre as pessoas por meio das plataformas digitais, parece ter sido alterada de forma significativa, se comparados a qualquer outro momento conhecido na história.

O fato é que hoje estamos muito próximos das informações, principalmente com a popularização da internet e, sobretudo, das plataformas digitais que emergem a partir da criação da chamada Web.2.0, utilizadas em aparelhos digitais, como smartphones, tablets, dentre outros, que, além de se tornarem acessíveis, também se tornaram portáteis. Não obstante, é importante destacar que a nossa proposta nesse momento não é adentrar no mérito de quem tem condições ou não de possuir alguma dessas ferramentas tecnológicas, embora seja certo que esses dispositivos de interação virtualizados se tornaram populares, permitindo com que a grande massa da população esteja conectada.

Quando a ex-presidente Dilma Rousseff sofreu o *impeachment*, em 2016, por exemplo, todos puderam acompanhar em tempo real o processo de votação, estando na rua, no trabalho ou até mesmo em casa. Quando o então presidente Jair Bol-

sonaro foi eleito, em 2018, os seus eleitores acompanharam também em tempo real a contagem dos votos.

Diante disso, é possível compreender que as notícias circulam com muito mais rapidez e velocidade se comparado a alguns anos atrás, apesar de muitas de suas informações serem passíveis de abarcarem mentiras, distorções sobre fatos e demais elementos que constituem aquilo que será apresentado como objeto desta pesquisa que trata da difusão de *fake news* nas escolas da rede pública de ensino do Município de Presidente Kennedy - ES. Esse fenômeno que só foi possível a partir da emergência da internet pode ser muito positivo para uma sociedade em vários aspectos, como, por exemplo, ao divulgar uma campanha de vacinação; ao noticiar tragédias, perigos com a violência; ao anunciar escândalos políticos, sejam eles na esfera municipal, estadual e/ou federal etc. Por outro lado, isso pode levar à ruína de outrem, quando acontece da referida notícia se tratar de uma mentira construída através da manipulação de dados e fatos.

No âmbito escolar, por sua vez, o aluno perpassa por toda educação básica adquirindo conhecimento sobre os variados componentes curriculares que a eles são preconizados, sempre com o objetivo de torna-lo um cidadão crítico, questionador pertencente a uma sociedade na qual o mesmo está inserido. Nessa tentativa de formar esse aluno para o mundo, que vive e convive socialmente com as pessoas, é necessário que as pessoas responsáveis nesse processo, neste caso os professores, ofereçam subsídios para que o discente cresça e se desenvolva como um ser pensante, questionador. Uma vez inserido numa sociedade cujas *fake news* ganham forças, principalmente por pessoas, em grande maioria, sem conhecimento, que acreditam em notícias repassadas pelo WhatsApp e nem sempre averiguam sua veracidade, este discente poderá ser ponto de partida para uma sociedade mais justa. De certo ele sozinho não fará grandes mudanças, por isso a importância do professor saber dar esses subsídios, saber levar esses alunos a sempre indagar, duvidar e pesquisar o que lhe está sendo imposto, quem sabe assim, numa geração próxima, teremos finalmente uma geração que não se deixe levar por *fake news*.

1.1 DA JUSTIFICATIVA AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

A presente pesquisa nasce do interesse em compreender a crescente onda de *fake news* difundida nas redes sociais, tendo como o objetivo verificar as suas

consequências na sociedade brasileira e, em especial, no município de Presidente Kennedy, localizado no litoral sul do estado do Espírito Santo. Entende-se, primordialmente, que essa investigação se faz necessária para chamar a atenção das pessoas em geral, e de modo mais específico, do professor, para que se atente quanto às mentiras compartilhadas no processo educativo, tendo em vista que este profissional da educação é um dos responsáveis diretos pela formação crítica dos seus alunos e alunas. Reconhecendo os riscos que as *fake news* oferecem às sociedades, voltamos a nossa atenção para compreender como elas emergem, objetivando construir estratégias que visem combatê-las, principalmente quando chegam em sala de aula.

A pesquisa proposta será realizada no município de Presidente Kennedy – ES, tratando-se de uma pequena cidade com população estimada de mais de 11 mil habitantes, segundo dados do IBGE (2021), mas que também se caracteriza pela presença constante da política na vida das pessoas. De acordo com o site oficial da prefeitura (PRESIDENTE KENNEDY), a cidade possui cerca de 1,8 mil servidores entre efetivos, em designação temporária e comissionados, sendo uma das cidades com o maior PIB per capita do país, por conta do repasse de recursos dos royalties de petróleo, e que em virtude disso, possui mais de R\$ 1 bilhão em caixa, o que atrai fortemente a existência de uma oposição política que intensifica suas disputas em período eleitoral, acarretando também na propagação de *fake news* a fim de conquistar a vitória nas urnas.

Não obstante, a pesquisa também possui grande importância nos meios acadêmicos, uma vez que a temática é atual e a cada dia que passa presenciamos o surgimento de mais *fake news* e, conseqüentemente, o aumento no número de pessoas que crê neste tipo de conteúdo. Desse modo, esperamos que essa investigação verifique se os professores da área de ciências humanas do município pesquisado são, de fato, docentes investigadores, que não acreditam nessas falsas notícias, ou se estariam suscetíveis a cair nessas armadilhas digitais. Na sua grande maioria, os professores dessa área costumam ser rotuladas por certa parcela da sociedade como “esquerdistas” ou mesmo “comunistas”. Assim sendo, esperamos, com esta pesquisa, e como hipótese nas argumentações, levar à constatação de que os professores entrevistados têm uma postura positiva, independentemente das suas proposições políticas.

Diante das diversas situações constadas hodiernamente no espaço escolar, levanta-se, então, indagações como: o que os professores podem fazer ao se depararem com notícias falsas em sala de aula? Qual a conduta dos mesmos nessa situação e como podem instruir os alunos, a fim de que estes não caiam nessa onda de crença em mentiras?

Diante destas questões apresentadas, o presente trabalho tem como objetivo analisar a conduta desses professores ao se depararem com *fake news*, bem como verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação; compreender quando constatam que alguma informação divulgada pelas mídias sociais não é verdadeira; analisar quais recursos utilizam para verificar se a informação apresentada pelo aluno em sala é *fake news*; além de propor como produto final a partir da criação de uma cartilha digital, explicando métodos de como não cair em *fake news*.

Dessa forma, procurar-se-á mostrar com as informações levantadas como é importante basear-se em fontes confiáveis, tanto para a construção de um pensamento crítico do próprio professor, quanto para o planejamento e elaboração das aulas no fazer pedagógico, contribuindo, assim, para a formação de seres críticos e questionadores e que não aceitam qualquer informação como verdade, mesmo que ela concorde com sua forma de pensar.

Todavia, também é importante destacar que a análise apresentada pretende seguir as discussões desenvolvidas principalmente por meio das perspectivas de Michel Foucault acerca da relação entre saber, poder e verdade, que se destaca em argumentações amparadas na profundidade ao invés de amplitude nas investigações sobre os fatos (THIRY-CHERQUES, 2010), assim como na ocupação dos espaços de poder como determinante a defesa da verdade ou inverdade (DA EMPOLI, 2019). Acredita-se que os posicionamentos que elevam o tema das *fake news* em Foucault poderão subsidiar com mais profundidade na compreensão dos aspectos sociais e políticos da investigação aqui proposta.

Sendo assim, diante da hipótese de que esses profissionais da educação não orientam seus alunos de forma eficiente sobre como evitar cair em *fake news*, bem como não estimulam os mesmos a serem questionadores, críticos, pesquisadores o suficiente para que estes consigam diferenciar o que é fato do que é mentira diante de tantas informações propagadas pelas mídias sociais, algumas perguntas serão desenvolvidas na pesquisa a fim de verificar a hipótese supracitada, como por

exemplo: “Será que um professor que trabalha com uma das disciplinas da área de Ciências Humanas, o qual é por muitos, e em inúmeros espaços escolares, visto como sendo ‘de esquerda’, acredita que a cloroquina possui eficácia comprovada no tratamento da Covid-19”; “Será que esses professores, mesmo sendo assim estigmatizados, podem surpreender e comprovar que seu posicionamento político foge do que a sociedade julga, e se autodeclara como conservadora e, portanto, ‘de direita’?” ou perguntas como: “Você acredita na ideologia de gênero?”. Questionamentos como esses nos farão entender se antes de agir em sala de aula no combate às *fake news* os próprios concordam com elas, e que somente a pesquisa nos ajudará a responder.

A pesquisa possui como objeto de estudo o grupo de professores da área de Ciências Humanas (Filosofia, Geografia, História e Sociologia) da rede pública do Ensino Básico de um pequeno município de Presidente Kennedy - ES. Desse modo, cada questão da pesquisa traz esse intuito, que é o de analisar como acontece em sala de aula quando surge uma *fake news*, como esse professor procede e confronta isso com seu posicionamento político, bem como a sua capacidade de acreditar ou não em notícias que foram veiculadas pela internet (neste caso notícias sobre a Pandemia, por exemplo) e que já foram comprovadas a sua não autenticidade.

Assim, para que se possa compreender melhor a proposta da presente pesquisa, é importante destacar que se trata de uma investigação de caráter qualitativo que contará com entrevistas com esses profissionais da educação, além de uma observação participante que se desdobra a partir das interações ocorridas tanto de forma presencial quanto virtual com esses docentes. O primeiro capítulo tem por intenção apresentar os aspectos mais elementares da pesquisa, tais como o problema, a justificativa, bem como os objetivos geral e específicos.

No segundo capítulo, será apresentado o arcabouço teórico a partir da literatura mobilizada na investigação. Nesse sentido, serão expostas as obras lidas e citadas, bem como os motivos pelos quais elas foram mobilizadas na pesquisa com o objetivo de evidenciar de que forma elas contribuem com as explicações acerca dos fenômenos localizados a partir de sua dimensão empírica.

No terceiro, será proposta uma exposição do percurso metodológico trilhado, evidenciando detalhadamente cada passo dado na investigação, captação de material, seleção e sistematização das informações, bem como a análise e a conse-

quente discussão de tudo que concerne ao universo da pesquisa em sua relação com os sujeitos investigados.

O quarto capítulo tratará das análises e discussões elaboradas a partir dos dados encontrados na pesquisa através de sua dimensão empírica decorrente tanto das entrevistas quanto da observação participante, permitindo com que todo o material produzido nas buscas teóricas e na investigação da pesquisa de campo seja analisado por meio de discussões acerca dos seus pontos mais relevantes, seguindo o processo de diálogo com os autores selecionados no referencial teórico.

No quinto e último capítulo será apresentado o Produto Educacional, caracterizado por um Guia Didático explicando métodos de como não cair em *fake news*. O propósito deste produto será servir como instrumento de apoio ao combate das referidas *fake news*. Não obstante, uma síntese da pesquisa será apresentada nas considerações finais, quando o autor exporá o seu parecer diante dos desafios na realização da pesquisa, que compõem a escolha do tema, passando pelas etapas que abarcam o trabalho em sua totalidade, seus percalços, o alcance, ou não, dos objetivos propostos. Também expondo a compreensão da pesquisa acerca do assunto, com a indicação de sugestões para futuras pesquisas na área.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSOR E ALUNO

O fazer do professor em ambiente escolar é muito abrangente, uma vez que sua atuação é de extrema importância na formação crítica do aluno. O pensador Paulo Freire aponta, acerca deste fato, que o educador deve “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (1996, p. 13). Freire ainda afirma que é perceptível “[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo [...]” (1996, p. 13).

Assim, entende-se que tal fator motivador deve ser algo que o professor deve levar permanentemente em sua bagagem, diligenciando para que o seu aluno caminhe de modo dinâmico e participativo, descobrindo-se como sujeito aprendente e transformador do espaço. Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se apresenta como um regimento que norteará as ações educacionais, sendo utilizada como um importante documento elaborado por especialistas de todas as áreas do conhecimento, que corresponde às demandas do estudante, preparando-o para o futuro (BRASIL, 2017, p. 5).

Observa-se, então, que a BNCC afirma:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017, p. 14)

Dessa forma, percebe-se a necessidade de formação ampla e global desse discente, que deve ser alguém realmente preocupado com o seu preparo, não somente enquanto em experiência como aluno de uma instituição de ensino superior, mas como um cidadão crítico, comprometido com o conhecimento e que está integrado a uma sociedade. É neste contexto que se afirma a urgente necessidade que esse profissional tem de desenvolver sua autonomia, sua criticidade, seu saber-

fazer, a fim de conseguir lidar com um universo tão amplo e diversificado com tantas informações disponíveis nessa “era digital”.

Quanto a isso, vale afirmar que,

Considerando-se a escola o espaço onde acontece a intervenção pedagógica, e o professor mediador da formação do aluno, percebe-se a necessidade de se estabelecer um diálogo entre esses segmentos, objetivando adequar o conhecimento difundido no contexto escolar as práticas sociais. O professor deve atuar comprometido com essa difusão do conhecimento, mas sempre voltado à pesquisa, socializando suas buscas e experiências durante a prática educativa, para a melhoria da qualidade de ensino. Na realidade, o professor é consciente de como é importante sua atuação na formação de pensadores, contudo o programa curricular preestabelecido pela escola tem o propósito de preparar o aluno para ingressar numa universidade. Essa realidade é comum na educação brasileira. Com isso o professor não tem a liberdade ou o apoio para conduzir suas aulas, então o ensino volta-se para a transmissão de conteúdos e os alunos permanecem no papel de repetidores (OLIVEIRA, 2012, p. 2-3).

A partir do momento que esse educador aplica o que preconiza a BNCC, buscando elaborar suas práticas, precisamente com o objetivo de formar globalmente esse indivíduo que é seu aluno, a chance deste se tornar um cidadão que não se deixa levar por *fake news* é muito maior, principalmente quando há incentivo à pesquisa no âmbito escolar, uma vez que, conforme sugere Paulo Freire (1996, p. 14), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Assim, o fomento para a existência de um espírito investigador, questionador, que procura fazer e,

[...] Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 14)

Freire (1996) deixa em evidência que não há ensino sem que haja a pesquisa comprometida. Logo, a pesquisa deve ser ponto preponderante de estímulo desde o início da Educação Básica. É a partir desse viés que o educador insiste que a escola é o principal espaço em que o discente aprende a questionar, indagar, inquirir e reorganizar seus conceitos, inclusive acerca de sua existência. Quando essa formação ocorre de forma efetiva, esse aluno, ao se deparar com qualquer notícia, investigará a sua veracidade.

Se o papel desse professor, como já foi supracitado, é de formar esse aluno como um sujeito histórico, pertencente a um meio e que, por sua vez, deve ser crítico, questionador, pesquisador; espera-se que o docente possua tais

características já intrínsecas em seu modo de ser e fazer. O professor que ensina de forma adequada criticamente não aceita o “faça o que eu mando e não o que eu faço”. Ele sabe que as palavras às quais falta corporeidade do exemplo quase nada valem. Portanto, seria preciso uma prática testemunhal que confirme o que se diz em lugar de desdizê-lo (FREIRE, 1996, p. 16).

Ainda que haja uma compreensão menos comprometida com o exemplo por parte de quem ensina e uma espécie de “imitação” de quem aprende, é certo que se percebe também avanços e conquistas. Assim,

A inquietação acerca do papel do professor e da atuação da escola frente à formação do educando no processo de ensino/aprendizagem vem, ao longo tempo, gerando estudos entre os pesquisadores com o objetivo de ressaltar-se a importância do professor na prática educativa, assim como sua atuação que deve estar voltada para a produção do conhecimento do aluno. Não existe quem ensina ou quem aprende, mas quem aprende a aprender (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Ainda que a figura do educador seja, na perspectiva do aluno, um referencial de conhecimento e saberes, o professor se posta como alguém que encaminha o aluno para o livre pensar, para se posicionar criticamente e perceber-se como parte integrante do próprio processo de aprendizagem. Para Foucault (2005) esse papel da escola seria de disciplinarização, e docilização dos corpos, embora também possa ser um espaço de resistência em direção à constituição de si. Nesse sentido, o autor proporrá muito mais a ideia de autonomia, do sujeito conhecer-se a si mesmo e cuidar de si, do que virar cidadão docilizado e respeitador de regras exógenas, as quais perpetuam certa ordem benéfica para alguns, com postura ativa na sociedade.

Portanto, o professor pode muito bem expor seus conteúdos e lançar as informações a partir de perguntas e indagações, pois, “a exposição interrogada gera a dúvida, a dúvida gera o estresse positivo, e este estresse abre as janelas da inteligência. Assim, formamos pensadores, e não repetidores de informações” (CURY, 2003, p. 127).

Gerar a dúvida para o aluno, neste caso, se caracteriza como algo bastante positivo, pois gera e aguça a sua curiosidade, conduzindo-o à reflexão e à procura de respostas satisfatórias. Seria a transformação da informação em saberes e tais saberes em experiências reais e produtivas. Foge-se, então, da persuasão para trilhar os caminhos da provocação, do estímulo à inteligência.

Oliveira (2012, p. 4) ratifica tal posicionamento, afirmando que,

Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor contribui com seu conhecimento e sua experiência, tornando o aluno crítico e criativo. Deve estar voltado ao ensino dialógico, uma vez que os seres humanos aprendem interagindo com os outros. É o processo aprender a aprender. O professor deve provocar o aluno passivo para que se torne num aluno sujeito da ação.

E com a perspectiva de uma relação aberta, franca e dialógica, tanto o professor como o aluno podem se sentir mais tranquilos para expor as suas ideias, confirmando ou confrontando posições, sempre dispostos a receber as proposições um do outro sem preconceitos ou limitações. Acredita-se, inclusive, que o modo de lidar com adolescentes – estudantes que são do Ensino Fundamental II – seja de desafiá-los ao enfrentamento de situações-problema que estão presentes em seu contexto de vida, lidando com situações reais.

É por isso que o compromisso com a aprendizagem real deve ser incentivado, pois,

A aprendizagem contextualizada em relação ao conteúdo busca desenvolver o pensamento mais elevado, não apenas a aquisição de fatos independentes da vida real. No processo, a aprendizagem é sócio interativa, envolve os valores, as relações de poder e o significado do conteúdo entre os alunos envolvidos. No contexto, propõe-se não apenas trazer o real para a sala de aula, mas criar condições para que os alunos revejam os eventos da vida real numa outra perspectiva (2012, p. 8).

Estar aberto às inquirições, algo que vai bem além das confabulações, concordâncias e assentimentos, se torna, acima de tudo, um excelente instrumento para o professor preparar os seus alunos para encarar às *fake news* no seu cotidiano.

2.2 DA NECESSIDADE DA INFORMAÇÃO À PRESENÇA DAS *FAKE NEWS*

Comunicação é algo presente na vida dos seres humanos. Estes fazem uso dela a fim de adquirir e transmitir informações. A transmissão de dados, desde o modo mais simples e rudimentar, fez parte da existência humana.

A Comunicação se faz presente na história das mais distintas civilizações, inclusive, é possível dizer que os meios de comunicação, notadamente a partir do contato entre diferentes povos e culturas, se desenvolveram na mesma proporção que o conhecimento se desenvolveu. Atualmente, destaca-se a internet, como espaço onde se pode encontrar todo tipo de conteúdo, dos mais elaborados e pertinentes, até os mais esdrúxulos e mentirosos.

Esse processo de transmissão de informações está presente, portanto, desde as épocas mais remotas, precisando ser observadas em conteúdo, contexto e relevância, pois a forma como estão disponibilizadas faz toda a diferença para o seu correto uso pela sociedade. Apesar de questionarmos proferidos por diversos autores, inclusive pela analítica foucaultiana, acerca da existência de uma pretensa história universal, parece pertinente destacar um exemplo que diz respeito ao modo de comunicação da mensagem na Idade Média a título ilustrativo.

O ritual era um outro destacado meio de comunicação medieval, e se manteve firme em contextos posteriores. A importância dos rituais públicos na Europa, inclusive os celebrados em festivais, durante os mil anos que vão de 500 a 1500, é explicada (de modo perceptível, apesar de inadequado) pelo baixo índice de letramento da época. O que não podia ser anotado devia ser lembrado, e o que devia ser lembrado devia ser apresentado de maneira fácil de se apreender. Rituais elaborados e teatrais – como a coroação de reis e a homenagem de vassalos ajoelhados em frente a seus superiores sentados – demonstravam para quem via a cena que havia ocorrido um evento importante. Transferências de terras podiam ser acompanhadas por presentes, objetos simbólicos como um pedaço de turfa ou uma espada. O rito, e seu forte componente visual, era uma forma superior de publicidade, e ainda seria na idade dos eventos televisivos, como a coroação da rainha Elizabeth II. A palavra "espetáculo", comumente usada no século XVII, foi ressuscitada no século XX (BRIGGS; BURKE, 2006, p.19).

Era, portanto, através do ritual, que se obtinha acesso às informações, de modo eficaz. Outrossim, sabendo da importância da informação, o primeiro salto foi a prensa de tipos móveis, criada por Bi Sheng na China, entre 1041 e 1048, e que foi aperfeiçoada e divulgada por Gutemberg, por volta de 1439, esse considerado o alicerce para o desenvolvimento tecnológico de toda a humanidade. E a invenção da prensa deu espaço para Martinho Lutero em traduzir a Bíblia do latim para o alemão e disponibilizá-la de forma impressa para a população (QUEIRÓS; MOURA, 2015).

O jornal também é um meio de comunicação, normalmente impresso, derivado de um conjunto de ações e práticas denominadas como jornalismo. Ele foi primeiro e o principal núcleo profissional na área. Tal condição foi mantida por muito tempo. Sobre o jornal, tem-se que,

Na linguagem jornalística, as características principais são: uso do material "papel de imprensa" ou papel jornal (de menor qualidade que outros materiais e assim mais barato); seu meio de comunicação cultural de massas; publicação de notícias e opiniões que abrangem os mais diversos interesses sociais (alguns com conteúdo especializado como economia e desporto); periodicidade de veiculação diária (alguns com periodicidade semanal, quinzenal e mensal) (QUEIRÓS; MOURA, 2015, p. 23).

E sobre o nascimento do rádio e do telefone, também é possível destacar a sua importância. Por isso, observa-se que.

As marcas da tecnologia relacionadas à radiodifusão começaram a ser concebidas em 1753, quando Benjamin Franklin percebe a possibilidade de usar a eletricidade para a transmissão de mensagens. Essa descoberta foi o princípio básico para o desenvolvimento do telégrafo e do telefone. A invenção do primeiro aparelho de comunicação à distância coube ao pintor Samuel Morse e aos cientistas William Fothergil Cooke e Charles Wheatstone, no século XVIII. Já em 1876, a transmissão da voz humana por meio da transformação de suas vibrações em som é feito por meio de um aparelho patenteado por Alexandre Graham Bell: o telefone, que revolucionou os processos comunicativos (FERRARETTO, 2001 apud MAGNONI, RODRIGUES, 2013).

Sobre a televisão se faz necessário reconhecer que no final do século XX ela figurava como um dos veículos comunicacionais de maior alcance no Brasil, algo que, na atualidade, foi alterado substancialmente. No entanto, sua invenção não se deu de forma tão simples. Segundo Jesus e Resende (2013, p. 2),

Complexa é a forma como ele foi concebido ao longo do século passado. Vários foram os processos históricos e científicos que deram origem à televisão, mas alguns dos que serão referenciados aqui foram mais importantes para dar luz a essa “simples” caixa imagética e sonora. A televisão teve sua origem baseada em dois outros meios de comunicação que sugeriram antes dela: o rádio e o cinema. O cinema por trabalhar diretamente com sons e imagens e o rádio por operar pela mesma forma que a TV, ou seja, através de ondas de emissão. O aparelho televisor recebe as ondas e as transforma em sons e imagens.

Sobre o surgimento da Internet, projetos iniciados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) se consolidaram entre os estadunidenses, sobretudo entre instituições de defesa e universidades, o que acabou culminando com o desenvolvimento da primeira geração da internet na metade dos anos 1990 e, a partir dos anos 2000, sua sofisticação se deu com a emergência das chamadas plataformas digitais.

De qualquer forma, ainda foi uma iniciativa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos por meio de sua agência ARPA (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada) que lançou a ARPANET em setembro de 1969, uma rede de comunicação que inicialmente conectava a Universidade da Califórnia em Los Angeles com a de Santa Barbara, Stanford na região de San Francisco e uma universidade de Utah. Ainda durante a Guerra Fria, o objetivo era criar um sistema de comunicação que não fosse vulnerável a ataques nucleares (MISKOLCI, 2016, 278-279).

Na contemporaneidade, o fenômeno da Internet se caracteriza como ferramenta indispensável de comunicação e divulgação de conteúdos, especialmente por sua abrangência e rapidez. Acerca dela, Del Bianco (2004) diz que esta dispõe de

infinitos conteúdos em espaços de computadores e instrumentos de interação e rastreamento de dados, a partir de palavras-chave etc. É fato também que o ambiente da rede tem se tornado um espaço fértil à disseminação de desinformações (ou falsas informações), o que significa dizer que através dela conseguimos encontrar a divulgação de dados mentirosos e inverídicos, gerando insegurança sobre os conteúdos e sobre as fontes que as originaram.

Nos últimos anos tem-se utilizado o termo *fake news*, para se referir às notícias falsas como a sua própria tradução diz. E ela também desemboca, aparentemente de forma inocente e sem pretensões, naquilo que se caracteriza como pós-verdade. Tal uso tem a sua definição:

Pós-verdade foi o termo do ano do Dicionário Oxford em 2016. Na definição da própria obra, significa uma situação em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos nacionais, teses comprovadas e conclusões pessoais. Não importam as evidências de que a Terra é redonda, os aviões e navios que comprovadamente partiram, deram a volta ao planeta com escalas e chegaram, pelo outro lado, ao mesmo lugar. O importante é a verdade individual, a minha verdade, a verdade que desmente o fato comprovado. Em resumo, a pós-verdade. A onda é a de não analisar mais nada; apenas emitir opinião, seja ela qual for e de qualquer maneira (MARINI, 2020, p. 01).

O termo referido foi cunhado a partir de dois fenômenos históricos ocorridos em 2016: a campanha e eleição para a presidência dos Estados Unidos em que Donald Trump saiu vitorioso, bem como o chamado Brexit, ou seja, o plebiscito proposto pelo Reino Unido acerca de sua possível saída da União Europeia (GENESINI, 2018). A partir daí, pode-se compreender o seu sentido:

[...] um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais. A partir daí, e em todo o ano de 2017, as notícias falsas ficaram em evidência. Sintetizando e simplificando a percepção geral: a epidemia de notícias falsas fez com que os eleitores e a opinião pública tomassem decisões equivocadas, baseadas na emoção e em crenças pessoais, ao invés de em fatos objetivos. (GENESINI, 2018, p. 47).

Certamente existem interesses escusos e conflitantes neste processo envolvendo os dois episódios citados acima, conforme destacou Da Empoli (2019). No entanto, como o propósito da análise apresentada pelo autor era compreender e comparar os termos em evidência, citou o caso estadunidense e inglês no intuito de verificar como que a mídia e boa parte das elites econômicas do mundo ocidental,

mesmo não apoiando tais eventos, foram surpreendidas com os resultados, causando toda essa celeuma.

Desse modo, é importante mencionar que as *fake news* são informações produzidas de forma inverossímil que, sem a devida averiguação, leva o leitor a considerá-las verdadeiras. Nesse sentido, tal fenômeno tem registro na escrita da história das mais variadas civilizações, podendo ser encontradas desde o Império Romano, mas também no tempo presente, com a Internet, que potencializa certo aceleramento avassalador (ALLCOTT, GENTZKOW, 2017).

A disseminação de teorias da conspiração como o chamado *Pizzagate* – que consistiu em um boato em torno de uma pizzeria que era utilizada para articular crimes de pedofilia, em que também estaria envolvida a candidata presidencial às eleições estadunidenses de 2016, Hillary Clinton (PÚBLICO, 2017) -, assim como a famigerada discussão em torno do “kit gay” - que aconteceu dois anos depois, com as eleições presidenciais brasileiras de 2018, em que o então candidato Jair Bolsonaro afirmava que o governo petista distribuía certo material educativo voltado a converter as crianças em homossexuais¹ - são exemplos da produção e difusão desse tipo de conteúdo recorrentemente chamado de *fake news*, objeto de nossa investigação.

Em meio a esse fenômeno, que desqualifica os fatos em detrimento de afirmações falaciosas, foi possível reconhecer que diversas situações ocorridas no Brasil, sobretudo a partir das eleições de 2018, contribuíram para um princípio de ruptura em sua democracia liberal, uma vez que o termo *fake news* ganhou maior proporção no país, principalmente com a vitória do presidente da república Jair Messias Bolsonaro no sufrágio eleitoral daquele ano. Nesse sentido, o kit gay foi uma *fake news* propagada nesse contexto, fazendo referência um material distribuído para crianças composto por uma base teórica baseado no respeito à diversidade sexual e à promoção dos direitos humanos e cidadania que incluía as pessoas LGBTQIA+, criado através do Projeto Escola sem Homofobia articulado pelo programa Brasil sem Homofobia, lançado inicialmente em 2004 no governo Lula (ROSA, SOUZA, CAMARGO, 2019).

A bancada evangélica, antes da aprovação pelo MEC, apelidou o kit assim em 2011, afirmando que se tratava de uma tentativa de sexualizar as crianças de

¹ Informação disponível em BRASIL DE FATO, 2021, p. 1.

maneira precoce, o que culminou na não distribuição, vetada pelo Governo Federal. Contudo, anos mais tarde, Bolsonaro, ainda deputado federal pelo Rio de Janeiro, publicou um vídeo que apresentava ao público o livro “Aparelho sexual & Cia: um guia inusitado para crianças descoladas” (BRASIL DE FATO, 2021, p. 01.), como parte do suposto “kit gay” e que estimularia precocemente as crianças a se interessarem por sexo, o que poderia levá-las à homossexualidade.

O Ministério da Educação emitiu nota afirmando que o referido livro nunca foi produzido por eles. Até que nas eleições presidenciais em rede nacional, o então candidato à presidência Jair Bolsonaro reafirmou tudo o que havia sido desmentido sobre o livro e ainda acrescentou fatos, alegando que todo esse material supostamente nefasto teria sido criado pelo seu então rival na corrida presidencial Fernando Haddad (PT) quando era Ministro da Educação no Governo Dilma Rousseff (PT). E mesmo Bolsonaro tendo sido obrigado a gravar um vídeo desvinculando o livro com o “kit gay”, as notícias falsas foram amplamente divulgadas nesse período, e muitas pessoas as tomaram como verdade (ROSA, SOUZA, CAMARGO, 2019).

Toda essa celeuma pode ser compreendida como uma espécie de desordem informacional (WARDLE; DEREKSHAN, 2017). E para o seu combate, é preciso entender os dois termos cunhados pela pesquisa de Wardle e Derekshan (2017), que destacam: a *mis-information* – informação falsa que se compartilha, mas sem intencionalidade para levar a danos; a *dis-information* – informação falsa que se compartilha de modo consciente e intencional, a fim de causar danos. Contudo, também é importante destacar que existem elementos envolvidos na transmissão das falsas informações, que segundo os autores seriam i) os agentes, ou seja, aqueles que produziram e/ou distribuíram a informação errada, bem como a motivação para tal conduta; ii) a mensagem, a saber, o seu tipo, formato e características; iii) os intérpretes, que trata de que modo a mensagem foi recebida e compreendida por aqueles que as acessaram.

A popularização das redes sociais tem levado também a um dado importante: a semelhança que existe entre os sites, conduzindo-os ao compartilhamento de informações entre familiares. Nesse sentido, destaca-se que os laços de afinidade fazem com que se tome como verdade aquilo que, em muitos casos, é mentira.

As redes sociais e a maneira como funcionam, possibilitam o compartilhamento desenfreado de todo tipo de informação e são ferramentas que possuem um grande potencial de espalhar falso conteúdo. A sociedade precisa

se adaptar a isso e a melhor forma é entender o seu funcionamento e tentar melhorar o seu julgamento de credibilidade ao processar uma informação (OLIVEIRA, 2019, p. 26-27).

Observa-se que as redes sociais constituem estruturas de compartilhamento que envolvem quantidades de emoção e indivíduos. Nesse processo, ao ver seu conteúdo postado, curtido e até mesmo difundido pelas plataformas digitais, é possível verificar o seu cérebro liberando uma substância chamada de dopamina, que, por sua vez, conduz à satisfação pelo compartilhamento, levando tal indivíduo a perceber-se como destaque dentro do seu círculo social (DA EMPOLI, 2019). Essas circunstâncias podem vir a ocorrer, tanto com o conteúdo que é verdadeiro como com aquele que diz respeito às informações falsas.

A internet possui a capacidade de difundir conteúdos de forma jamais vista nas distintas histórias das civilizações que conhecemos, assim como compreende certa sofisticação necessária para a disseminação de conteúdo dos mais variados, com infinitas possibilidades, proporcionando também o engano e a falsidade. É por isso que Peck (2013, p. 26) afirma que “os sites que produzem notícias falsas obtêm lucro através dos anúncios e por conta disso, eles moldam a informação de modo que ela fique mais atrativa”. Desse modo, é bastante compreensível defender a ideia de que não é tão fácil assim para os usuários fazer a real distinção entre o que é verdade e mentira nas redes sociais.

De acordo com Wardle e Derekshan (2017, p. 39), existem quatro características das mensagens mais apelativas e com probabilidade maior de consumo em decorrência de seu processamento e compartilhamento. Tais características perpassam o questionamento baseado na ideia de que

- Ela provoca uma resposta emocional.
- Ela tem um componente visual poderoso.
- Ela tem uma forte narrativa.
- Ela é repetida.

Assim, os autores questionam se os indivíduos costumam usar atalhos mentais, quando avaliam a confiabilidade da fonte ou da mensagem nela contida. Esses atalhos tratam, segundo Wardle e Derekshan (2017, p. 46), de

- Reputação. Baseado em reconhecimento e familiaridade;
- Endosso. Se os outros acham o fato creível;
- Consistência. Se a mensagem é ecoada por múltiplos sites;
- Violação de expectativa. Se um site parece e se comporta de maneira
- Esperada;

- Autoconfirmação. Se a mensagem confirma as crenças da pessoa;
- Intenção Persuasiva. A intenção da fonte em criar a mensagem;

Desse modo, o grande desafio que se configura em meio a esse processo é o combate aos rumores e aos conteúdos produzidos em aplicativos de mensagens, a exemplo do *Whatsapp*, sabendo que criptografia presente nas mensagens torna difícil e até mesmo impossível o controle daquilo que é compartilhado. A disseminação de informações tendenciosas ou sem sentido passou a ser rotina dentro das redes sociais usadas, que são como atrativo a cliques. O problema é que os usuários não sabem como lidar com tais circunstâncias e somente depois descobrem que foram enganados por tais notícias.

Em virtude dos diferentes usos que se faz nos discursos – se falsos ou se verdadeiros –, muitas vezes corroborados pela figura do discursante, entende-se notadamente que,

A atenção de Foucault volta-se para a constituição das regras das ciências humanas que tornam possível a divisão, no interior dos discursos, entre proposições verdadeiras e proposições falsas. Não sendo nem verdadeiras nem falsas, as regras manifestam, entretanto, uma vontade de verdade, uma pretensão a fazer com que um discurso entre num campo de conhecimento e de verdade. Se todo ato de conhecimento supõe um sujeito submetido às condições que o legitimam como tal, e um objeto que é determinado como sendo cognoscível, os enunciados ou as regras de um discurso são as condições de possibilidade de um sujeito que pode dizer proposições suscetíveis de verdade ou falsidade e de um objeto sobre o qual se podem dizer proposições do mesmo tipo (LARRAURI. 2014, p. 285)

É por este caminho que se compreende que os discursos e enunciados caracterizam-se por possibilidades de verdade, muito mais que por mera informação disponível aos leitores e internautas, por exemplo. Contudo, de acordo com Carvalho e Kanfer (2018), no mês de janeiro de 2017, foi divulgado pela Associação dos Especialistas em Políticas Públicas do Estado de São Paulo, o estudo que mapeou os mais importantes sítios divulgadores de notícias falsas no Brasil. Constatou-se algumas características que são comuns nestes sites que propagam a desinformação. Um bom exemplo de tais situações é o que ocorreu as publicações de Alexandre Garcia (NOTÍCIAS, 2021, p. 01):

O canal do YouTube de Alexandre Garcia aparece no topo de uma lista feita pelo Google de vídeos que mais monetizaram com notícias falsas durante a pandemia. Os dados enviados à CPI da Covid e publicadas na manhã deste sábado (12) enviados à CPI da Covid e publicadas [...] no jornal O Globo mostram que o comentarista da CNN Brasil arrecadou quase R\$ 70 mil em vídeos de conteúdo considerado duvidoso. A lista fornecida pela gigante de

tecnologia a pedido do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) mostra 385 vídeos que foram removidos pela plataforma ou deletados pelos usuários após o alerta de que o conteúdo foi considerado desinformação sobre formas de tratamento da Covid-19.

As informações da pesquisa destacaram alguns pontos bastante que corroboram com as análises de Carvalho e Kanffer (2018, p. 04), já que

- foram registrados com domínio .com ou .org (sem o .br no final), o que dificulta a identificação de seus responsáveis com a mesma transparência que os domínios registrados no Brasil;
- não possuem qualquer página que identifique seus administradores, corpo editorial ou jornalistas (quando existe, a página Quem Somos' não diz nada que permita identificar as pessoas responsáveis pelo site e seu conteúdo;
- as "notícias" não são assinadas;
- as "notícias" são cheias de opiniões — cujos autores também não são identificados — e discursos de ódio;
- intensa publicação de novas "notícias" a cada poucos minutos ou horas;
- possuem nomes parecidos com os de outros sites jornalísticos ou blogs autorais já bastante difundidos;
- seus layouts deliberadamente poluídos e confusos fazem com que se assemelhem a grandes sites de notícias, o que lhes confere credibilidade para usuários mais leigos;
- são repletas de propagandas, o que significa que a cada nova visualização, o dono do site é remunerado.

Assim, percebe-se que estes fatos são a evidente demonstração da relevância que é levantar discussões sobre essa problemática dentro do universo informacional e toda a sua extensão. E um estudo acerca do controle sobre as informações, juntamente com o seu fluxo e devido regulamento, certamente proporcionarão novas perspectivas para uma relação entre pessoas e informações muito mais adequada e menos prejudicial do ponto de vista de seu impacto nas sociedades que passaram a se organizar em torno das plataformas digitais no que se refere não apenas ao acesso à informação, mas também frente ao declínio do processo de interação face a face decorrente da pandemia do covid-19 ocorrido a partir de 2020, que culminou com a intensificação de interações sociais mediadas pela internet.

2.3 AFINAL DE CONTAS, O QUE É VERDADE PARA MICHEL FOUCAULT?

Levando-se em consideração o fato de que os argumentos postos por aqueles que defendem os seus pontos de vista acerca da verdade, sempre tendo a contra-argumentação diante de si, deseja-se expor agora o ponto de vista de Foucault, a fim de conduzir a uma maior e melhor compreensão daquilo que a sociedade con-

temporânea estabelece como padrão de verdade e, assim, com seus parâmetros definidos, combater o que se pode chamar de pós-verdades – o que já está discutido aqui. As *fake news* são, via de regra, verdades aparentes, as quais, quando colocadas sob o crivo dos fatos, não mais se sustentam. No entanto, até que se confirme o que de fato é verdadeiro, os prejuízos decorrentes desses discursos falaciosos podem ser enormes. Sendo assim, é importante, então, entender como Foucault se posiciona frente a esse assunto.

Nesse sentido, os discursos produzidos e difundidos como verdade devem ser analisados pela analítica foucaultiana por meio da genealogia, que consiste em compreender quais foram as forças que entraram em conflito neste campo agonístico disputando tal condição a partir de relações entre saber e poder. Desse modo, para se compreender a genealogia em Foucault se faz necessário tomar certo cuidado com a análise, dando atenção mais próxima e criteriosa aos movimentos, as forças que estão em disputa, muito mais do que procurar sua pretensa origem, bem como na forma pela qual foram constituídos, já que, de acordo com pensamento foucaultiano,

A determinação do discurso consiste em: 1) descobrir qual a “ordem do discurso” em uma época; 2) descrever as transformações dos tipos de discurso; 3) interrogar-se sobre as condições de emergência dos elementos discursivos (THIRY-CHERQUESP. 2010. p. 228).

Pode-se inferir que o discurso está atrelado sempre aos significados dados por distintos sujeitos em cada época histórica e cada conceituação estabelecida a quem interessa a sedimentação da versão “oficial” dos fatos. Além disso, é também posto por Foucault que os discursos se transformam, dependendo da tipificação de cada um, de acordo com o período histórico em que vivem aqueles que ocupam as praças e palanques para as suas oratórias – ou mesmo aqueles que possuem o controle dos veículos de comunicação, do horário nobre na televisão, rádio e jornais, assim como nos canais virtuais e de uma certa publicidade localizada nas plataformas digitais. Diante disso, para Foucault, nós somos produzidos ao mesmo tempo em que nos produzimos, na medida em que interagimos uns com os outros: acessamos saberes, somos vetores de poderes e buscamos proferir verdades.

Os meios de veiculação das informações se avolumam e intensificam seu trabalho modulando o comportamento da sociedade, muito especialmente pelo uso da internet. Assim,

As plataformas online atraem justamente por eliminarem intermediários dando a falsa impressão de que a rapidez equivale à eficiência. Online, especialmente nas chamadas redes sociais, deparamo-nos com um contexto emocionalmente denso em que experiências pessoais ganham apoio automático. A automatização do apoio materializado em ferramentas de redes sociais – como a curtida (like) e o compartilhamento no Facebook – induzem e premiam a postagem capaz de chamar a atenção por meio do apelo imagético e a chamada sem que seu conteúdo seja efetivamente lido e sua veracidade avaliada. O apoio, portanto, se dá frequentemente rompendo princípios básicos de respeito de direito à defesa e ao contraditório (MISKOLCI, 2016, p. 287).

O autor ainda se constata que,

Na sociedade digital, a vida política pode ser enriquecida pela ampliação das vozes e faces com maiores condições de repercussão pública, mas até o momento tendeu mais a reproduzir a concentração em algumas pessoas que agem como nódulos privilegiados dentro de redes de informação delimitadas por interesses ou perspectivas políticas comuns (MISKOLCI, 2016, p. 287).

Desse modo, é possível compreender que as redes sociais acabaram possibilitado o desdobramento de novas modalidades nas relações de poder e tendem a pautar a sua existência em prestígio, reputação e quantidade de contatos junto aos seus participantes, sobretudo a partir da paulatina incidência das plataformas digitais na vida das populações de todo o planeta a partir do século XXI.

Por isso é que Foucault expressa seu pensamento baseado em uma perspectiva na qual as instituições sociais são responsáveis não apenas por governar ou conduzir condutas, inibir, coibir e até mesmo determinar o destino das pessoas comuns, como também compreende que os sujeitos se produzem em sua relação com os saberes, podendo deixar de fora aqueles que, premeditadamente, ou por forças das circunstâncias, ficam à frente das referidas instituições, criando, necessariamente, mecanismos de repressão e intimidação (ou mesmo produção). Assim, a partir das críticas provocadas por Foucault, os sujeitos não são alvo inerte do poder, mas são produzidos e se produzem por meio de relações de poder.

Nessa esteira, a escola pode passar a ser uma das principais instituições que contribui para este controle total do indivíduo, condicionando-o a ficar sistematicamente obediente ao suposto estado natural das coisas através de um processo de socialização do corpo operado a partir de uma anátomo política chamada pela analítica foucaultiana de poder disciplinar. No entanto, há também a possibilidade do sujeito resistir a esse processo que incide sob ele através da produção de si e, consequentemente, potencializando um lugar que permita a ampliação da autonomia.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao delimitar o assunto e construir os objetivos que envolvem a pesquisa bibliográfica, foi necessário procurar subsídios teóricos para potencializar a investigação proposta. É nesse sentido que Triviños (1987, p. 100) reconhece que o processo de avaliação do material bibliográfico ensinará ao pesquisador até onde outros investigadores têm chegado em seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar e o que ainda pode ser investigado. Pois para ele, o pesquisador,

Ao mesmo tempo, irá avaliando seus recursos humanos e materiais, as possibilidades de realização de seu trabalho, a utilidade que os resultados alcançados podem emprestar a determinada área do saber e da ação. (TRIVIÑOS, 1987, p.100)

Assim, o embasamento teórico oportunizou uma reflexão mais apurada da leitura de autores de livros e artigos, em que foi possível fazer um levantamento de informações a respeito da crescente onda de *fake news* que passou a se intensificar nas sociedades contemporâneas a partir da criação da Web 2.0, também conhecida como internet de plataforma, em que a importância de uma formação crítica dos alunos enquanto cidadãos se faz extremamente necessária no tempo presente. Com isso, pôde-se refletir sobre a importância de basear-se em fontes confiáveis para uma efetiva formação crítica pautada na verdade factual e objetiva ainda que tratada em termos genealógicos, conforme sugere a analítica foucaultiana, evitando então, que injustiças ganhem forças e causem terríveis transformações nefastas numa sociedade.

A pesquisa de campo foi realizada com professores da área de ciências humanas (história, geografia, sociologia e filosofia) da rede pública de ensino do município de Presidente Kennedy – ES, em que se primou cumprir as orientações éticas fazendo com que os participantes fossem identificados com as seguintes nomenclaturas Professor A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. É válido ressaltar que não houve professor de filosofia participando da pesquisa. Diante disso, foi aplicado, então, um questionário aos professores com uma série de perguntas ordenadas, apresentadas de diversas formas abertas, com o intuito de não envolver o encontro entre o pesquisador e os seus interlocutores (APÊNDICE A). O questionário foi preparado pelo aplicativo Google Formulários e enviado para os mesmos via

WhatsApp, uma vez que estávamos vivendo uma pandemia do novo coronavírus que causou um impacto mundial, o que me impediu de aplicar o questionário presencialmente.

O material obtido a partir da pesquisa foi avaliado de forma qualitativa, com base na intersecção entre a Análise de Conteúdo - que, segundo Bardin “é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (1977, p.9) - somado à analítica genealógica foucaultiana - que procura compreender quais as forças que se apresentam nessa disputa agonística acerca das verdades proferidas nos espaços virtuais que acabam por incidir no espaço escolar, muitas vezes comprometendo o processo de ensino e aprendizagem. Não obstante, também é importante destacar que foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE B), uma vez que, esse tipo de entrevista é

em modo geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

A entrevista foi aplicada presencialmente, uma vez que, dos dez professores que responderam ao questionário pelo Google Formulários apenas três estiveram dispostos a participarem da entrevista. Marcamos um encontro em locais de fácil acesso tomando todas as medidas de segurança para evitarmos qualquer contato físico e uma possível infecção do vírus. A aplicação presencial da entrevista foi de grande importância por que deu para observar as reações do entrevistado em algumas perguntas e fazer inferências não planejadas previamente sobre determinadas perguntas, isso será fácil observar nos resultados e discussões.

Dessa forma através do questionário fechado e da entrevista semiestruturada podemos trabalhar melhor os dados obtidos com discussões mais amplas, investigando como o professor procede ao lidar com as *fake news* em sala de aula, buscando entender suas estratégias, bem como suas opiniões acerca de questões políticas e sociais. Sendo assim, foram selecionados aleatoriamente dois professores, dos acima supracitados, para participaram da entrevista semiestruturada.

Destaca-se ainda que o produto final que foi elaborado e proposto nesta pesquisa trata-se de um guia didático contendo sugestões de orientações sobre

como não cair em *fake News*. Após a aprovação desta dissertação esse guia proposto será entregue para a Secretaria Municipal de Educação - SEME desta pequena cidade do interior de um Estado do sudeste brasileiro, que não será identificada nesta investigação justamente com o propósito de evitar qualquer possibilidade de identificação dos interlocutores.

3.1 PRODUTO DA PESQUISA

Sugere-se que este guia didático elaborado pelo pesquisador como produto técnico destinado à conclusão do mestrado profissional em ciência, tecnologia e educação da Faculdade do Vale do Cricaré – FVC, seja disponibilizado para a Secretaria Municipal de Educação - SEME desta pequena cidade do interior de um Estado do sudeste brasileiro, a fim de ser difundido nas escolas, aos professores e alunos, visando a tentativa de minimizar o efeito das *fake news* propagadas como verdade. O guia didático será divulgado em formato específico para às redes sociais a fim de obter maior abrangência.

O objetivo deste guia didático consiste em propor sugestões de ações práticas amparadas em como evitar o acesso às notícias falsas e o que fazer para conter sua propagação, dispondo-se a contribuir de forma significativa na tentativa de amenizar os efeitos e injustiças decorrentes da disseminação de *fake news*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises aqui levantadas, sejam nas respostas dos questionários ou nas entrevistas realizadas, são baseadas numa análise de conteúdo. Mas o que seria essa análise de conteúdo? Segundo Bardin é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (1977, p.9). Para o autor:

O factor comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extracção de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p.9)

Dessa forma, tentaremos buscar nas respostas analisadas de forma sutil elementos que nos fazem entender o perfil do entrevistado para que assim possamos compreender a constituição de sua subjetividade presente em seus discursos que fará concordar ou não com a hipótese de que esses profissionais da educação não orientam seus alunos de forma eficiente sobre como evitar cair em *fake news*, bem como não estimulam os mesmos a serem questionadores, críticos, pesquisadores o suficiente para que estes consigam diferenciar o que é fato do que é fake e vice e versa.

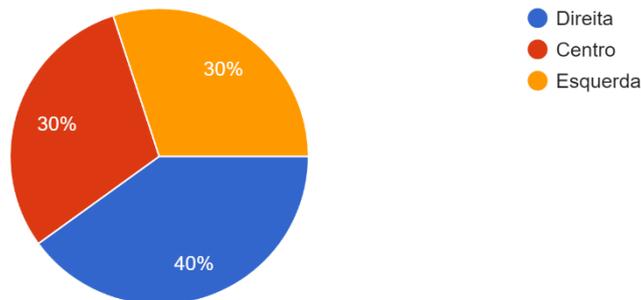
Iniciaremos levantando os dados obtidos no questionário (APÊNDICE A) realizado pelo Google Formulários. Dez professores da área de humanas da rede pública de ensino do município investigado responderam o formulário.

Para melhor análise das respostas, foi perguntado aos professores como os mesmos se reconhecem politicamente, sendo de direita, centro ou esquerda. Evidenciamos aqui, que embora os sujeitos dessa pesquisa sejam da área de humanas, 6 professores se autodeclararam de direita, ou seja a maioria, enquanto que os demais se dividem em 3 de esquerda e 3 de centro, conforme podemos observar no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Posicionamento político dos professores entrevistados

Para finalizar a pesquisa, como você se reconhece politicamente?

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

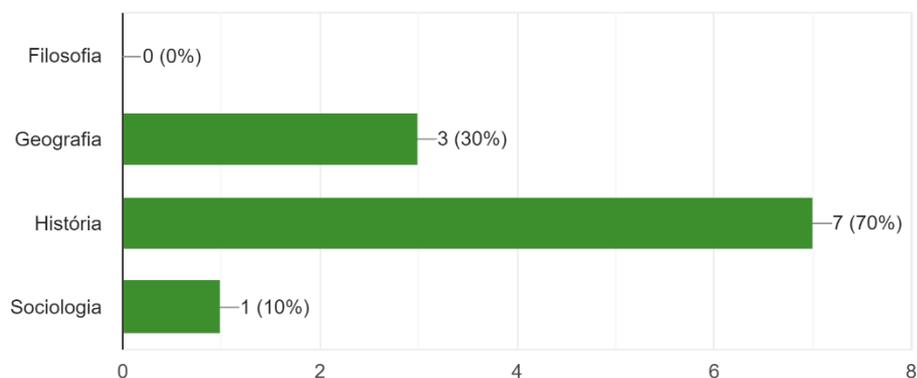
Dos 10 professores que responderam ao questionário, 4 são de direita, sendo 3 professores de história (sendo um desses também de sociologia) – Professor D, Professor E e Professor J e 1 professor de geografia – Professor F. Os 3 professores de centro são 2 professores de geografia – Professor A e Professor B e 1 professor de história – Professor H. Os 3 professores que restaram são de esquerda, sendo os 3 professores de história – Professor C, Professor G e Professor I.

Desses dez, 6 são professores de história, 3 são professores de geografia e 1 é professor de história e sociologia. Conforme podemos ver no Gráfico 2 à seguir:

Gráfico 2: Componente curricular dos participantes da pesquisa

Qual componente curricular você leciona?

10 respostas

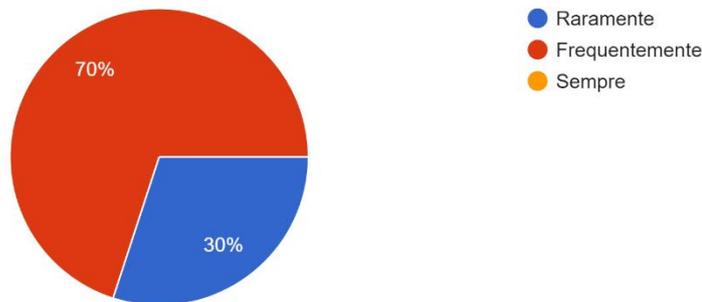


Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A fim de cumprir as orientações éticas previstas em trabalhos científicos como o que está sendo proposto nesta investigação, os participantes não serão identificados com os seus nomes reais, porém suas identificações se darão a partir das seguintes nomenclaturas Professor A, B, C, D, E, F, G, H, I e J. Sendo assim, iniciamos o questionário perguntando aos educadores analisados com que frequência abordam questões políticas em seu componente curricular. Diante deste questionamento, 7 professores responderam frequentemente e 3 responderam raramente.

Gráfico 3: Abordagem política no componente curricular

Com que frequência você aborda questões políticas em seu componente curricular?
10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

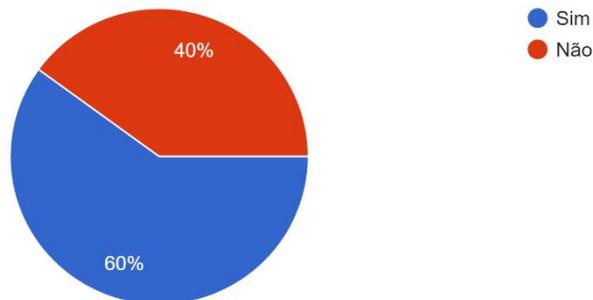
Em seguida os professores foram questionados sobre como eles definem as *fake news* e suas respostas foram similares, predominando como “mentiras políticas”, “mentiras divulgadas”, “notícias falsas” e “manipuladas pela mídia ou particulares”, outro ainda disse “uma notícia falsa que pode trazer uma grande consequência”. Diante das respostas podemos compreender que todos entendem o significado de *fake news*, concordando com o conceito dado por Allcott e Gentzkow (2017) que diz que *fake news* são informações produzidas de forma inverossímil, que pode levar o leitor a considerá-las verdadeiras, se não for devidamente averiguada.

A próxima pergunta indagou os docentes se eles já haviam caído em alguma *fake news* e em caso afirmativo, foi pedido que descrevessem qual a notícia falsa que haviam acreditado.

Gráfico 4: Vítima de *Fake News*

Já caiu em alguma Fake News?

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

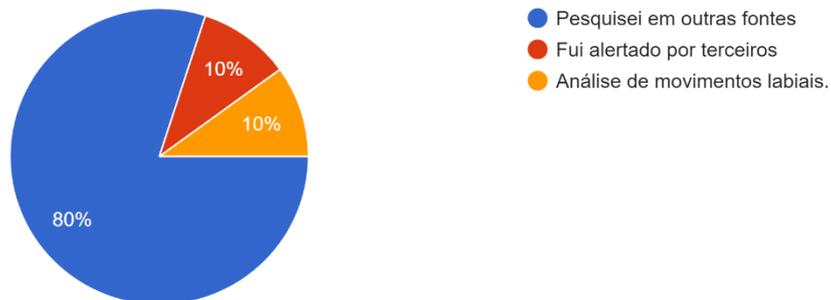
O curioso é que dos 10 professores entrevistados, 4 disseram que não haviam caído em *fake news*, porém 2 delas descreveram as *fake news* em que já caíram, entrando numa contradição. Afinal, como você responde que não havia caído em *fake news* e em seguida a descreve? Soa contraditório para o leitor. Ao analisar as respostas desses professores que entraram em contradição nos deparamos que enquanto um acreditou em uma pesquisa falsa, sem dar mais detalhes sobre que pesquisa seria essa, o outro professor relatou ter acreditado que não precisava mais pagar imposto de renda devido à Covid-19. Outras *fake news* citadas pelos demais professores envolvem mentiras como a vacina da covid-19 que mata idoso, bem como mentiras sobre o coronavírus, dentre outras respostas.

Em seguida os professores responderam como eles fizeram para reconhecer que a informação em questão se tratava de uma *fake news* e novamente nos deparamos com uma contradição, porque se 4 professores alegaram não ter caído em nenhuma *fake news*, vemos aqui que todos responderam o que fizeram para descobrir a veracidade daquela informação. Das respostas dadas, 8 professores disseram que pesquisaram em outras fontes, 1 professor foi alertado por terceiros e 1 professor fez análise de movimentos labiais.

Gráfico 5: Reconhecendo *Fake News*

Como fez para reconhecer que a informação em questão se tratava de uma Fake News?

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

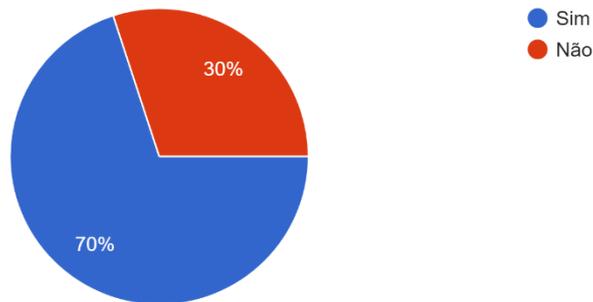
Visando compreender quais são as fontes pelas quais os professores costumam se informar, foi pedido para que eles citassem os portais de notícias que mais acessam. Dentre as respostas obtidas tivemos: “Jornais tradicionais, de diferentes linhas ideológicas, como o Globo, Folha de São Paulo, Uol, Veja, Estadão”; “Globo, Uol, CNN Brasil”; “G1, folha, veja, época”. O curioso aqui, é que algumas respostas não foram tão específicas, como a do Professor A: “portais de notícias renomados”; Professor C: “os mais confiáveis”; Professor F: “sites oficiais”; Professor G: “certos sites do google”, e ainda teve o Professor J que respondeu apenas “google”. Respostas vazias como essas podem nos deixar várias interpretações, ou os professores não quiseram expor em quais sites de fato acessam ou ainda, talvez, não acessem portais de notícias.

Na sequência, as perguntas foram feitas com base na postura dos professores em sala de aula. Foi perguntado se esses professores já haviam se deparado com alguma *fake news* levada por seus alunos e dos entrevistados 7 disseram que sim.

Gráfico 6: *Fake News* levada por alunos

Você já se deparou com alguma *Fake News* levada por seus alunos em sala de aula?

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

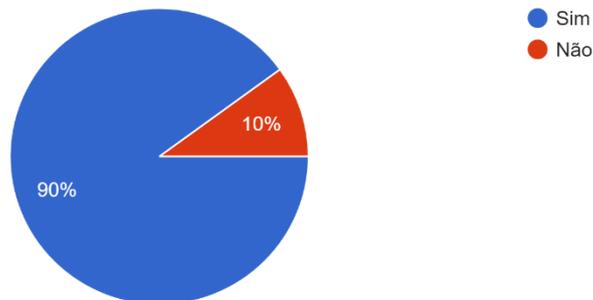
Então, foi pedido para que os mesmos descrevessem quais estratégias eles utilizaram ao se deparar com *fake news* em sala de aula. O Professor A relatou que convida a turma para pesquisar a temática em questão e depois abre um bate papo com a mesma; O Professor B relatou que simplesmente mostra a verdade dos fatos; e o Professor D ainda diz que mostra os caminhos para verificar a veracidade da informação, dentre outras respostas que se assemelham. Uma resposta específica chamou atenção porque o Professor F relatou que tenta mostrar a verdade, mas que na maioria das vezes é em vão, segundo o docente alguns alunos já estão programados em informações irreais.

Na sequência do questionário, foi perguntado aos professores se eles concordam que as *fake news* podem ser prejudiciais para toda uma sociedade. Dos 10 professores, tivemos 1 que respondeu que as *fake news* não são prejudiciais. Diante disso vemos a necessidade, conforme diz Oliveira (2019), da sociedade se adaptar a isso, tentando melhorar o seu julgamento de credibilidade ao processar uma informação.

Gráfico 7: *Fake News* prejudiciais para a sociedade

Você concorda que as *Fake News* podem ser prejudiciais para toda uma sociedade?

10 respostas



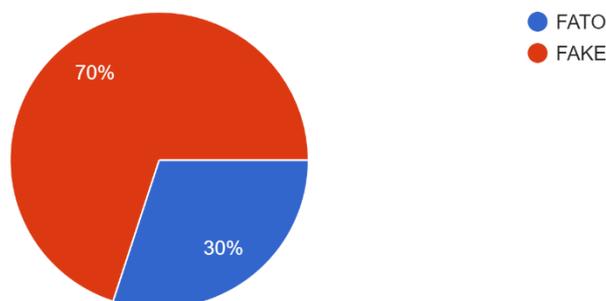
Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Para saber se os professores entrevistados de fato sabem reconhecer uma *fake news*, os mesmos tiveram que ler algumas notícias com este perfil falacioso divulgadas nos últimos meses e julgar se aquilo era fato ou fake. A primeira *fake news* foi: “Estudo diz que a cloroquina possui eficácia comprovada no tratamento da Covid-19”. Dos 10 entrevistados 7 disseram que era fake, ou seja, 3 desses professores concordaram de que se tratava de um fato. O curioso aqui é que esses três professores lecionam o componente curricular de história e se autodeclararam no término do questionário como sendo politicamente de direita.

Gráfico 8: Cloroquina possui eficácia no tratamento da Covid-19

Analise a seguinte manchete: "Estudo diz que a cloroquina possui eficácia comprovada no tratamento da Covid-19"

10 respostas



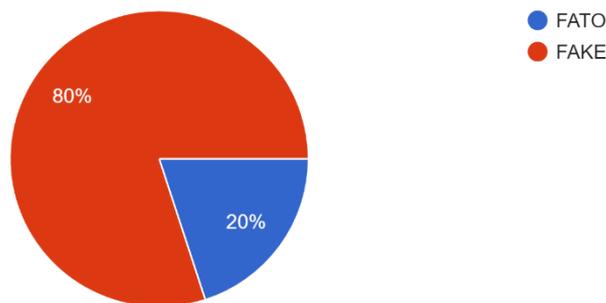
Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A segunda *fake news* em análise afirma o seguinte: "Uso prolongado de máscara causa hipóxia²". Dos 10 entrevistados 2 responderam que é fato, sendo esses dois professores de história que se reconhecem à direita no espectro político brasileiro.

Gráfico 9: Uso prolongado de máscara causa hipóxia

Analise a seguinte manchete: "Uso prolongado de máscara causa hipóxia"

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

A próxima *fake news* analisada foi: "A vacina contra a covid-19 irá modificar o DNA dos seres humanos". Esta, por sua vez, foi a única manchete em que todos concordaram de que a notícia em questão era fake.

Finalizamos as análises perguntando se era fato ou fake que os voluntários dos testes da vacina contra a covid-19 já morreram por terem se submetido ao uso da vacina. Dos entrevistados, 4 deles disseram que era fato, e desses 4, todos são professores de história e apenas 1 finalizou o questionário se autodeclarando como sendo politicamente de esquerda.

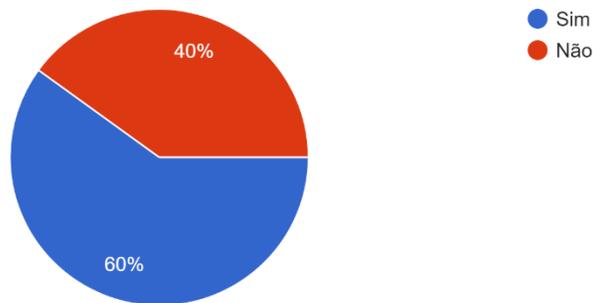
Para melhor compreensão do perfil dos entrevistados foi perguntado se na concepção deles ocorre de fato um movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas. Das 10 respostas, 6 concordaram que de fato há esse movimento.

² diminuição das taxas de oxigênio no ar, no sangue arterial ou nos tecidos, o que pode levar à anóxia; hipoxia.

Gráfico 10: Movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas

Em sua concepção há de fato um movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas?

10 respostas



Fonte: Material elaborado pelo pesquisador (2021).

Em seguida, foi pedido para que esses professores descrevessem como essa desqualificação pode ser vista em seus cotidianos. Dentre as respostas, destaca-se a do Professor G revelando que isso ocorre com a falta de informação e pesquisa e que muitas vezes por não pesquisarem acabam sendo transmissores de *fake news*. O Professor H relatou que a falta de interesse por novos conhecimentos faz com que o profissional se acomode e não busque estudar e pesquisar. Já o Professor I relatou que essa desqualificação do conhecimento científico ocorre quando nos deparamos com adultos que não procuram ler coisas que contribuem para seu crescimento pessoal, professores mal qualificados. O professor I afirmou também que isso se deve, entre outros fatores, pelo sistema, que não valoriza o servidor, não prepara a escola de forma adequada, não prioriza uma educação de qualidade, e como resultado vemos profissionais com poucos conhecimentos, com baixo rendimento profissional. Para finalizar, o Professor C relatou que essa desqualificação ocorre, quando alunos e/ou alguns professores questionam estudos e métodos comprovados cientificamente por questões ideológicas. Segundo o Professor C, a repulsa por Paulo Freire, por exemplo, que interfere diretamente na forma como todos os professores trabalham só é negado pelo simples fato do mesmo se assumir comunista enquanto vivia. Entretanto, o Professor C revela que essa negação aos métodos de Freire é balela, pois para ele, a partir do momento que o professor muda sua forma de falar, de agir diante das séries, turmas e escolas que trabalham, para o melhor entendimento do aluno, está claramente usando

Freire. Com relação as respostas dos demais professores resumem-se em dizer que não sabem ou não percebem se ocorre desqualificação do conhecimento científico nas escolas.

Antes de finalizarmos o questionário, foi requerido aos professores que os mesmos dessem sugestões para que as pessoas não caíam em *fake news*. O Professor A sugeriu a leitura e a pesquisa, o Professor B aconselhou a buscar informações em diversas fontes confiáveis, o Professor D falou sobre não acreditar em tudo o que falam ou leem. O Professor C, por sua vez, enfatiza a busca por sites de confiança e alerta que esses sites são os tradicionais. O professor E aconselha a estudar e não ouvir “pseudoespecialistas”. O Professor F reforça que não se deve acreditar de primeira em qualquer notícia e que ao lê-la, deve-se buscar fontes seguras. O Professor G e Professor H enfatizaram a busca por sites confiáveis e qualificados, o ultimo, no entanto, evidencia a importância em adquirir informação através de artigos científicos. O Professor I sugere a leitura e a reflexão sobre o texto lido, recomendando também que cada um questione o que está sendo lido e/ou ouvido. E, por fim, o Professor J que aconselha que todos devem confirmar a veracidade dos fatos.

Esses dez professores da área de humanas da rede pública de ensino do município investigado que responderam ao questionário pelo Google Formulários foram convidados novamente a participarem de uma entrevista (APÊNDICE B) a fim de obtermos melhores respostas a cerca de algumas questões que serão aqui relatadas. Contudo apenas três concordaram em participar. Para melhor compreensão denominarei aqui esses três professores como Professor 1, Professor 2 e Professor 3, para evitar qualquer tipo de constrangimento.

Primeiramente, me fala um pouco da sua carreira, você é professor de que? E seu cargo é de designação temporária ou cargo efetivo?

O Professor 1 respondeu que é professor de história efetivo, tal como o professor 2, porém de designação temporária. O professor 3 afirmou atuar na área de geografia, também sendo de designação temporária. Essa informação é relevante porque a partir daqui podemos compreender se o fato de o professor ser efetivo ou não na sua função poderá influenciar em suas ações e/ou condutas no ambiente escolar.

Politicamente, você se considera, de direita, esquerda ou centro?

O Professor 1 se autodeclarou como de esquerda, o Professor 2 como de direita e o Professor 3 centro.

Você se consegue dizer a partir de que momento da nossa história contemporânea essa onda de *fake news* começou a ficar em alta?

“A partir da candidatura do presidente Bolsonaro, inclusive foi um dos fatores que contribuíram para sua eleição, disseminando notícias que nunca aconteceram como forma de favorecer sua candidatura” (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2, por sua vez, respondeu que isso ocorreu “com a candidatura do presidente Bolsonaro, as pessoas, principalmente os de esquerda pegavam falas soltas do então candidato para propagar inverdades, aliás, fazem isso até hoje” (Professor 2, direita, história).

O Professor 3 concorda com o Professor 1. E ainda acrescenta que, essa onda “começou nos EUA nas eleições do Donald Trump, e em seguida no Brasil, pelos seguidores do então candidato Bolsonaro em 2018” (Professor 3, centro, geografia), concordando com Genesini (2018) em dizer que esse termo foi cunhado a partir da campanha e eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016.

Os três entrevistados concordam com e Rosa, Souza, Camargo (2019) em dizer que o termo no Brasil foi a partir das eleições de 2018 que tornou Jair Messias Bolsonaro presidente do país. No entanto, há um equívoco na fala do Professor 2 em dizer que as *fake news* ocorreram por parte da esquerda para prejudicar o então candidato a presidência, uma vez que, foi o próprio candidato quem iniciou, segundo Rosa, Souza, Camargo (2019), as divulgações de notícias falsas, propagando o kit gay, por exemplo, alegando que era um material voltado para tornar crianças em homossexuais, argumento esse comprovadamente mentiroso.

Como você tem visto o crescimento das *fake news* nos últimos anos? Você acredita que simplesmente elas fazem parte da nossa vida e que não há necessidade de ser feito nada, pois elas “caem por si só”?

“Tenho visto com muito temor, uma vez que essas *fake news* podem atrasar uma sociedade, e não, elas não caem por si só, elas devem ser combatidas sim, devem ser investigadas sim, e punidos os seus criadores” (Professor 1, esquerda, história).

“Simplesmente ignoro, principalmente quando eu conheço a pessoa que me mandou a notícia, a maioria das vezes falando mal do presidente, já vejo que não dá

para acreditar.” (Professor 2, direita, história). Segui questionando ao Professor 2 se as *fake news* que ele por ventura recebe são sempre notícias contrárias ao atual governo e ainda o inquiri se ele não recebe nenhum outro tipo de *fake news*. Sua resposta foi um tanto curiosa: “A grande maioria das vezes sim, já cheguei receber *fake news* falando da eficiência da vacina contra a Covid por exemplo”. Imediatamente retruquei se ele não confiava na eficiência da vacina, e o mesmo disse que “sim, mas que não dava pra confiar numa vacina que foi criada num curto espaço de tempo”. Segui indagando se o mesmo não havia sido vacinado e o Professor 2 disse que sim, porém que foi praticamente obrigado. Não satisfeito ainda questionei se o mesmo nunca resolveu pesquisar se aquela *fake news* falando do presidente não pudesse ser verdade, e a resposta foi ainda mais instigante: “Já fiz isso sim, mas a maioria dos sites que confirmam a notícia são da Globo, e todo mundo sabe que a globo detesta o Bolsonaro, então não perco meu tempo mais”, finalizou o Professor 2 (direita, história).

Já o Professor 3 respondeu:

Acredito que as *fake News* devem ser combatidas sim, principalmente porque quando essas notícias chegam em pessoas com menos conhecimento, elas acabam acreditando, sem sequer confirmar sua veracidade, e se nessa família não tiver alguém mais esclarecido para contestar essas informações pode acabar virando um efeito dominó, fazendo toda a família acreditar naquela *fake news*, e afetando toda uma sociedade. (Professor 3, centro, geografia)

Em seguida, pedi ao Professor 3 que me desse um exemplo disso na prática.

A exemplo da pandemia, em que muitas *fake news* foram espalhadas, vi exemplo da família de um aluno meu, que mora na roça, e que eles se recusavam a tomar vacina, alegando que nela continha um microchip e que era da “Besta” fazendo referência ao número da besta contido no livro de Apocalipse da Bíblia Sagrada, alegavam que não iriam para o céu se estivesse com esse microchip injetado no corpo. Foi uma *fake news* que os fizeram acreditar nisso, e por simplesmente se recusarem a se vacinar, atrasam a nossa sociedade de promover um ambiente seguro em que todos estejam vacinados, colocando suas vidas em risco (Professor 3, centro, geografia).

Continuei indagando se o Professor 3, ao ter ciência disso, tentou esclarecer a família.

Eu tentei alertar meu aluno e a escola, mas como estávamos somente no ensino remoto, ficava difícil eu tentar qualquer intervenção. Além disso, o aluno é passivo à família, mesmo que ele se esclareça, tive a impressão de que a família, por ser bem religiosa, já tinha uma opinião bem formada

quanto isso, uma lástima ver uma opinião formada baseada numa mentira (Professor 3, centro, geografia).

Finalizei essa questão pedindo ao Professor 3 que dessas sugestões de como proceder para tentar solucionar esse problema, afinal, devem existir muitas famílias como a desse aluno em questão por todo o Brasil.

Acredito que as igrejas podem resolver isso, incentivando seus fiéis a se vacinarem sim, dizer que as vacinas foram aprovadas pela OMS, e mesmo em tempo recorde, todos devem confiar. Eu também faço parte de uma igreja evangélica e graças a Deus tenho um líder pastoral bem esclarecido, ele sempre incentiva a todos se vacinarem. Acredito que se a família do meu aluno, receber orientações certas dos seus pastores, padres ou líderes religiosos, tenho certeza que eles acatam suas orientações (Professor 3, centro, geografia).

Em sala de aula, qual sua conduta, ao se deparar com *fake news*?

“Tento explicar e desmistificar o fato, utilizando fontes confiáveis, mostrando as inverdades daquela *fake news*” (Professor 1, esquerda, história).

“Convido a turma para pesquisar a temática em questão e depois abrir um bate papo, porém evito grandes embates, não gosto de polemizar em sala de aula” (Professor 2, direita, história).

Indaguei ao Professor 2, em seguida, o porquê de não polemizar em sala de aula, e o mesmo respondeu que por ser professor de designação temporária tenta evitar discussões que gerem problemas que transcenda a sala de aula, a fim de não se comprometer com a família e nem com as autoridades de forma que acabe perdendo seu contrato.

“Tento mostrar a verdade, mas infelizmente na maioria das vezes, em vão. Alguns alunos já estão programados a acreditar em informações irreais.” (Professor 3, centro, geografia).

A intervenção do professor ao difundir as práticas sociais em contexto escolar é enfatizada por Oliveira (2012), uma vez que, a escola deve ser considerada um espaço onde acontece essas intervenções, e o professor é o mediador desse fazer. Assim sendo, os professores ao se depararem com *fake news* em sala de aula, é atribuição dele atuar comprometido com essa difusão de conhecimento, sempre voltado à pesquisa, para a melhoria da qualidade de ensino (OLIVEIRA, 2012).

Você já caiu em *fake news*? Como soube de que se tratava de *fake news*?

“Sim, fui alertada por amigos e colegas de profissão” (Professor 1, esquerda, história).

“Já sim, alguns amigos me alertaram” (Professor 2, direita, história).

“Sim, pesquisei em outras fontes” (Professor 3, centro, geografia).

Você poderia me citar uma *fake news* em que caiu?

“O vídeo do Dória traindo a esposa” (Professor 1, esquerda, história).

“Pesquisas falsas” (Professor 2, direita, história). Fiquei intrigado e indaguei ao Professor 3 que pesquisas falsas seriam essas, o professor respondeu apenas “pesquisas de internet, de qualquer site” e pediu logo para prosseguir com as perguntas, não deixando claro que pesquisas falsas seriam essas.

“O uso da cloroquina eficaz no tratamento de covid” (Professor 3, centro, geografia).

Dei continuidade a entrevista expondo algumas situações comuns nos dias de hoje e pedi que cada professor desse a sua opinião a respeito.

Primeira situação: uma determinada mulher após ter feito sexo casual sem nenhuma prevenção com seu parceiro que mal conhecia descobriu que estava grávida e como estava na sua melhor fase da carreira optou-se por abortar. O que você pensa a respeito? Ela não teria direito pelo próprio corpo?

Para o Professor 1,

falar de aborto hoje é muito complexo, sim a mulher é dona do próprio corpo, ela quem deve decidir o que fazer. No entanto, precisa estar mais atenta em sempre prevenir-se em suas relações sexuais. Na minha opinião, se ela tiver um acompanhamento psicológico, e se a interrupção for feita antes do 3º mês de gestação, ela deve sim abortar, desde que seja amparada pela lei, até como forma de evitar que ela busque clínicas clandestinas para fazer o ato e colocar também a sua própria vida em risco. Assim, existindo a liberação do aborto no Brasil, por exemplo, quem sabe não diminua o quantitativo de meninas que morrem ao tentar buscar uma clínica irregular, até porque, quando as mesmas decidem, não é a falta da lei que vai impedi-la de fazê-lo (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2, por sua vez, alegou que a mulher

tem direito ao próprio corpo sim, mas a partir do momento que ela tem uma vida dentro dela, ela perde esse direito. Em minha opinião trata-se de uma mulher egoísta, sem amor no coração, que está disposta a matar uma criança que de nada tem culpa simplesmente porque está na melhor fase da carreira, quantas mulheres existem por aí, talvez com bem menos condições que ela, e que sonham em ser mãe (Professor 2, direita, história).

O Professor 3 também se posicionou contra o aborto, por ser cristão: “Como

falei, eu sou cristão, então não sou a favor do aborto, entendo que com exceção de casos em que o feto já esteja deformado, nenhuma mulher deveria se submeter a isso, se não querem ter o filho, que seja dado a adoção” (Professor 3, centro, geografia). Em seguida, aleguei ao professor que no Brasil não temos uma lei que libere o aborto e que mesmo não havendo essa legislação muitas meninas optam por fazê-lo mesmo em clínicas clandestinas, perguntei qual é a visão dele sobre isso.

Acredito que deveria haver uma campanha de acompanhamento psicológico para mães com gravidez indesejada, sei que isso não é o suficiente, mas não concordo que regulamentar o aborto vá diminuir esse quantitativo, a meu ver vai atrair as mulheres que por qualquer motivo irão querer abortar (Professor 3, centro, geografia).

Segunda situação, um jovem do sexo masculino decide usar roupas femininas pois se identifica como sendo do sexo feminino, e que sente atrações por mulheres, sendo identificado como mulher transgênero homossexual. O que você pensa a respeito? Você acredita que essa questão de gênero deveria ser atribuída como distúrbio psicológico?

O Professor 1 relata que não acredita numa padronização humana.

Não acredito numa padronização humana, em que só exista homem e mulher, em que o homem deve se vestir como homem e se relacionar com mulher e que a mulher deve se vestir como mulher e se relacionar com homem, aliás, falar de vestimenta é mais uma questão cultural, o que é roupa de mulher aqui no Brasil pode não ser na Escócia por exemplo, onde lá, os homens usam saias, e não são homossexuais, transsexuais ou transgêneros por isso. O fato é que a igreja tem padronizado isso ao longo dos séculos, e o que foge da padronização da igreja torna-se pecado, torna-se escandaloso. É muito complexo falar da mente humana, mas daí dizer a uma pessoa que nasceu com genitais masculinos, mas que se identifica do gênero feminino, que ela possui distúrbios psicológicos é um tanto demais para mim, uma vez que a própria ciência não a reconhece assim. Possui distúrbios com base em que? Na opinião do pastor? Um absurdo!! Acredito que vivemos num país livre, onde as pessoas devem ser o que quiserem, agora se o modo de ser do “fulano” não condiz com o seu modo de ser, cabe a você simplesmente respeitar (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2 define essa situação como um absurdo.

Eu acho um absurdo! Respeito a todas as pessoas e entendo que cada um tem sua liberdade em sua vida privada, inclusive tenho amigos gays que são ótimas pessoas, mas daí, você querer empurrar essa ideologia de “guela a abaixo” na população, eu acho um absurdo. Eu tenho o direito de ser contra, se ele quiser se vestir de mulher, que se vista, mas não me peça pra concordar. E com relação a pessoa achar que não é do sexo biológico, penso que isso é distúrbio psicológico sim! (Professor 2, direita, história).

Diante da resposta, indaguei ao Professor 2 com base em que ele afirma que ser transgênero é possuir distúrbio psicológico? Ele respondeu que

A Bíblia fala que Deus fez Adão e Eva, e não Adão e Ivo, e a bíblia condena quem pratica esses atos, mas pode curar através de Cristo, se a pessoa se arrepender, então não posso te afirmar com exatidão que seja um distúrbio psicológico, pois não sou nenhum especialista na área, mas acredito que a pessoa esteja confusa e precisa sim de um acompanhamento psicológico e se mesmo assim a pessoa optar por continuar vivendo dessa maneira, é porque ela desistiu de lutar e renunciar o seu eu, como a bíblia diz “não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim” (Professor 2, direita, história).

Questionei o Professor 2 se ele não estava levando muito para o viés religioso, uma vez que a bíblia não é um livro científico. O mesmo respondeu: “então entraremos numa discussão complexa que envolve fé, e com a minha fé não há questionamentos” (Professor 2, direita, história).

Por fim o Professor 3 relatou

Não sou profissional na área para dizer o que é ou o que não é distúrbio psicológico. A mente humana é muito complexa, porém, tenho meus princípios bíblicos, e creio neles. Se eu disser o que eu acredito, talvez soe como homofobia, no entanto guardarei minhas opiniões a mim, por que penso que é assim que deve ser. O mundo seria bem melhor se cada um guardasse suas opiniões alheias para si, não vai ser a minha opinião que vai impedir a pessoa de ser quem ela quer ser. Independentemente de qualquer princípio cristão, o amor deve prevalecer, pois assim que Jesus nos ensinou, e isso darei a todos que quiserem, amor, o resto não diz respeito a mim (Professor 3, centro, geografia).

Terceira situação: uma escola X em uma cidade do interior realiza mensalmente oferendas aos orixás acompanhados de batuque e dança com os alunos. O que você pensa a respeito? Você concorda com manifestações religiosas dentro da escola?

O Professor 1 discorda da situação.

Acho totalmente errado, uma vez que vivemos num país laico, no entanto o que mais vejo nas escolas são rituais cristãos ali sendo transmitidos, orações antes das aulas, músicas gospels em apresentações culturais, etc. Não que eu seja totalmente avessa a essa prática, mas se eu chegar tocando tambor usando um turbante branco, vão me criticar ao extremo, alegando que estou levando “macumba” para a escola. Então, se não aceitam evidenciar a pluralidade das religiões em ambiente escolar, então que obedeçam a laicidade do Estado, e não façam nenhum tipo de manifestação religiosa, deixem seus cultos para os seus respectivos templos (Professor 1, esquerda, história).

O Professor 2 também discorda da situação: “Na escola em que trabalho, jamais aceitaria essa prática e se eu souber que isso acontece na escola da minha

filha, eu a transfiro no mesmo instante” (Professor 2, direita, história). Aleguei ao Professor 2 que em boa parte das escolas é possível observar práticas cristãs em seu cotidiano, como a oração do “pai nosso” em sala de aula por exemplo, perguntei qual a opinião dele sobre isso, e o mesmo respondeu que, neste caso, não vê problema.

Eu sou professor, eu sei que o Estado é laico, mas aqui a nossa clientela são todos evangélicos ou católicos, então não acho que exercer uma prática cristã em sala de aula, possa infligir alguém, e caso houvesse algum aluno que não fosse cristão, seria até uma forma dele ser evangelizado (Professor 2, direita, história).

Segui questionando o Professor 2 que a escola não é igreja para evangelizar ou catequizar alguém, e o mesmo respondeu: “Eu sei que não, mas eu como sou um bom servo do Senhor, aproveito da minha profissão sempre para falar de Jesus para os alunos, dar conselhos, a juventude de hoje em dia é muito rebelde!” (Professor 2, direita, história).

O Professor 3 (centro, geografia) alegou que “se está na Constituição que o Estado é laico, assim deve ser”. Relatei ao Professor 3 que como ele havia se auto-declarado cristão e sabemos que é comum escolas em que a população é predominantemente cristã, praticarem hábitos religiosos num ambiente em que a laicidade deveria ser respeitada, questionei o que ele pensa a respeito.

Concordo que não deveria haver, no entanto não está na minha alçada impedir esses momentos, uma vez que os próprios funcionários muitas vezes também são de famílias cristãs. Contudo, se chegar a meu conhecimento de que na escola há qualquer aluno que seja de outra religião que não seja a cristã, serei o primeiro a ser contra a essas práticas, pois entendo que devemos promover uma escola acolhedora e que não segregue ninguém, independente de sexo, etnia, religião, etc. (Professor 3, centro, geografia).

Com esses questionamentos encerrei as entrevistas com o Professor 1 e Professor 3, agradecendo-os por terem aceitado responder minhas perguntas. Antes de encerrar com o Professor 2 quis ainda fazer um último questionamento. Relatei que o que mais ouvimos por aí é que os professores de história são de esquerda e “doutrinadores” e ele por se tratar de um professor também de história, porém de direita, questionei qual era a opinião dele sobre esses relatos.

Concordo, embora eu não me inclua nesse grupo, a maioria dos professores de humanas que conheço são de esquerda, e já vem da faculdade doutrinados por seus professores. Falo isso, porque tenho 10 anos de formado, e sei como foi difícil relevar muitas opiniões que meus professores ensinavam em sala de aula, baseando-se em autores como

Karl Marx, Paulo Freire, etc. (Professor 2, direita, história).

Finalizei questionando ao Professor 2 qual autor que ele tem lido e se baseado nos últimos tempos. Ele apenas respondeu “Olavo de Carvalho”. Sem mais perguntas eu o agradei por ter aceitado a participar da entrevista.

É claro que o professor contribui além de conhecimento, como também experiência na formação desse aluno, Oliveira (2012) relata isso. Para a autora, essa contribuição deve estar voltada ao ensino dialógico, uma vez que, os seres humanos aprendem com a interação dos mesmos. Contudo, a autora ainda relata que o professor deve provocar o aluno passivo para que se torne um sujeito da ação. Isso quer dizer que o professor até contribui com suas experiências, mas é o aluno quem deve formar suas opiniões, e a partir delas interagir com o mundo. Por isso a importância de o professor não impor suas ideologias e opiniões pessoais, mas suas ações, devem estar pautadas na cientificidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta investigação que buscou compreender a incidência das *fake news* nas escolas de uma pequena cidade do interior da região sudeste do Brasil, ficou evidente a necessidade de uma formação crítica voltada tanto para os alunos quanto professores e professoras, de modo a evitar com que a desinformação seja difundida. Nesse sentido, a pesquisa proposta mostra a necessidade de enfrentamento deste desafio que é o combate as mentiras que circulam pela internet, afetando consideravelmente o processo de ensino e aprendizagem.

Também ficou evidente que as plataformas digitais aceleraram esse processo de desinformação que alcançou as escolas de todo o país, quiçá de todo o mundo, fazendo com que em num só clique várias pessoas dos mais distintos lugares ao mesmo tempo possam acessar determinada informação que eventualmente pode ser falaciosa, porém, até que se prove a inverdade da mesma, algumas consequências nefastas já podem ter sido instauradas.

Outro aspecto de extrema importância que foi constatado nesta investigação diz respeito à presunção de que os professores das áreas de humanidades, ou seja, educadores que atuam com as disciplinas de história, geografia, e sociologia, de modo geral, se posicionam politicamente no espectro político à esquerda. Embora a nossa pesquisa tenha contado com uma pequena amostra acerca no número de professores entrevistados e que também responderam o questionário proposto, encontramos nestas respostas um maior número de tributários à direita do que esquerda. Contudo, no que se refere às entrevistas, coincidentemente apenas três professores participaram desta etapa da investigação, sendo um representante de esquerda, outro de direita e um terceiro ainda que argumentava ser de centro no espectro político.

Esse número de professores entrevistados e/ou que responderam o questionário aplicado a eles nesta pesquisa, nos mostra que a afirmação baseada na ideia de que a maioria dos professores da área de humanidades seria composta por representantes da esquerda e que, conseqüentemente, estariam “doutrinando” os alunos a partir de seu viés político, não encontrou lastro em nossa pesquisa, que evidenciou justamente o contrário. Porém, o que nos chamou mais atenção foram as falas proferidas em entrevista pelo professor 3 que não apenas se posicionou de forma bastante problemática, na medida em que é possível constatar diversos

preconceitos proferidos por ele, como afirmou que o autor que mais tem lido nos últimos tempos é Olavo de Carvalho. Justamente o escritor que se reconhece como filósofo apesar de não ter nenhuma formação acadêmica, mas que talvez seja o maior difusor de *fake news* do país e que atua como uma espécie de mentor do bolsonarismo apresentando pretensos diagnósticos do tempo presente baseado em mentiras e desinformação.

Assim, após a coleta, sistematização e análise dos dados encontrados nesta investigação é possível afirmar que poucos professores abordam *fake news* em sala de aula e isso ocorre porque poucas vezes aparece esse tipo de situação apresentada pelos alunos. Porém, quando isso acontece, os mesmos estimulam que sejam realizadas pesquisas com outras diferentes fontes com o objetivo de ponderar sobre as diferentes perspectivas que são versadas sobre determinado assunto, buscando compreender as circunstâncias que envolvem determinado fato observado.

Contudo, é possível observar que os professores investigados são em sua maioria de direita e estes por sua vez, por possuírem suas crenças e ideologias, as colocam à frente do que é comprovado cientificamente e aceito pelo campo acadêmico como consenso, o que dificulta na análise de *fake news*, uma vez que, só acreditam naquilo que reitera a sua forma de pensar. Então, se temos professores que acreditam em certas *fake news* justamente porque a notícia diz o que eles querem ouvir, ou ainda, professores que desacreditam em notícias verídicas, principalmente aquelas que desmentem essas notícias falsas, fica difícil que os mesmos tenham capacidade de orientar seus alunos de forma eficiente sobre como evitar cair em *fake news*.

A forma de pensar dos professores é algo particular, ou seja, trata-se de uma questão de cunho pessoal e individual de cada um. Nesse sentido, não faz parte do objetivo da pesquisa alterar o pensamento e opiniões desses docentes. Não obstante, se faz necessário que os mesmos, independente de suas ideologias ou crenças, promovam a pesquisa em sala de aula, instruindo os alunos e alunas a se basearem em fatos através da verificação dos dados apresentados em sites oficiais que evidenciem suas fontes de forma objetiva.

Diante do cenário apresentado, optou-se por elaborar o guia didático (APÊNDICE C) que traz sugestões de ações práticas de como não cair em *fake news* a fim de auxiliar o professor nesse processo de ensino e aprendizagem,

contribuindo para a formação crítica do aluno, como bem preconizar os caminhos oferecidos pela BNCC, evitando assim que novas *fake news* sejam propagadas.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT H, Gentzkow M. Social media and Fake News in the 2016 election. **J. Econ. Perspect.** 2017; 31(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 04 fev 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL E FATO. **Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos. 28 de Junho de 2021**. Disponível em. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CARVALHO, Gustavo Arthur Coelho Lobo de; KANFFER, Gustavo Guilherme Bezerra. **O Tratamento Jurídico das Notícias Falsas (fake news)**. Consultor Jurídico, São Paulo. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**. Tradução: Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2018.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEL BIANCO, Nelia. Noticiabilidade no rádio em tempos de internet. **Anais do VI Lusocom**, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelianoticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAGNONI, Antonio Francisco; RODRIGUES, Kelly De Conti. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Universidade Federal de Ouro Preto, MG. 30 de maio a 1º de junho de 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47313>. Acesso: em 16 abril 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática**

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/freire-paulo-pedagogia-da-autonomia-saberes-necessarios-a-pratica-educativa/at_download/file. Acesso: em 16 abril 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GENESINI, Silvio Genesini. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo. n. 116, janeiro/fevereiro/março 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/5-Silvio-Genesini.pdf>. Acesso: em 09 jul. 2021.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

JESUS, Jordane Trindade de; RESENDE, Vitor Lopes. A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Universidade Federal de Ouro Preto, MG. 30 de maio a 1º de junho de 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47313>. Acesso: em 16 abril 2021.

LARRAURI, Maite. Verdade e mentira dos jogos de verdade. **Mnemosine**. Vol.10, nº2, p. 281-299, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/download/13779/12412>. Acesso em: 09 jul. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

MARINI, Eduardo. As diferenças entre fake news, pós-verdade, deepfakes e o papel da escola. **Revista Educação**, 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/05/18/fake-news-deepfakes-escola/>. Acesso: em 09 jul. 2021.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v. 6, n. 2 p. 275-297, Jul.–Dez. 2016. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525/211>. Acesso em: 21 jul. 2021.

NOTÍCIAS DA TV. **Alexandre Garcia lucrou quase R\$ 70 mil com fake news, diz relatório do Google**. Publicado em 12/6/2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/alexandre-garcia-lucrou-quase-r-70-mil-com-fake-news-diz-relatorio-do-google-59275?cpid=tx>. Acesso em: 09 jul. 2021.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. 2012. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

PECK, Patrícia. **Direito digital**. 5. ed. rev., atual. e ampl., de acordo com as Leis n. 12.735 e 12.737, de 2012. São Paulo: Saraiva, 2013.

PRESIDENTE KENNEDY, Prefeitura Municipal de. A cidade. **Dados sobre a história do município**. Presidente Kennedy, 2021.

PÚBLICO. **Alex Jones pede desculpa pelo boato do Pizzagate, o falso caso de pedofilia de Hillary**. 2017. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/26/mundo/noticia/alex-jones-pede-desculpas-por-pizzagate-o-suposto-caso-de-pedofilia-que-envolvia-clinton-1766558>. Acesso: em 09 jul. 2021.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 25-42, ago/dez. 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47313>. Acesso: em 21 jul. 2021.

ROSA, Pablo O.; SOUZA, Acnaton T.; CAMARGO, G. Matheus. O Combate à “ideologia de gênero” na era da pós-verdade: uma cibercartografia das fake news difundidas nas mídias sociais brasileiras. In: ROSA, Pablo Ornelas (org). **Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ROSA, Pablo Ornelas. **Drogas e a governamentalidade neoliberal: uma genealogia da redução de danos**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hernao Roberto. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova**, São Paulo, 81: 215-247, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – São Paulo: Atlas, 1987.

WARDLE, C.; DEREKSHAN H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**, Council of Europe report, 2017. Disponível em: <http://www.theewc.org>. Acesso em 01 jun. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Questionário para o trabalho de pesquisa do mestrando Kêmeron Chagas dos Reis Almeida

Público-alvo: Professores da área de ciências humanas (história, geografia, filosofia e sociologia)

Professor(a),

Esta é uma pesquisa acadêmica que busca coletar dados para embasar a minha dissertação de mestrado. Conto com a sua colaboração e garanto o anonimato de tudo. Suas informações são de muita importância para esta pesquisa. Assim, conto com toda sinceridade!

Obrigado pela sua contribuição!
Mestrando Kêmeron

1. Qual o componente curricular que você leciona?
 Filosofia;
 Geografia;
 História;
 Sociologia.
 Outro? Qual? _____
2. Com que frequência você aborda questões políticas em seu componente curricular?
 raramente;
 frequentemente;
 sempre.
3. Como você define *Fake News*?
4. Já caiu em alguma *Fake News*?
 sim
 não
5. Se sua resposta anterior for positiva, cite pelo menos uma *Fake News* em que já caiu:
6. Como fez para reconhecer que a informação em questão se tratava de uma *Fake News*?
 Pesquisei em outras fontes;
 Fui alertado por terceiros;
 outros, Como? _____

7. Qual(is) site(s) você utiliza para pra se informar?
8. Você já se deparou com alguma *Fake News* levada por seus alunos em sala de aula?
 sim
 não
9. Quais estratégias você utiliza ao se deparar com *Fake News* em sala de aula?
10. Você concorda que as *Fake News* podem ser prejudiciais para toda uma sociedade?
 sim
 não
11. Analise a seguinte manchete: "Estudo diz que a cloroquina possui eficácia comprovada no tratamento da Covid-19"
 Fato Fake
12. Analise a seguinte manchete: "Uso prolongado de máscara causa hipóxia"
 Fato Fake
13. Analise a seguinte manchete: "A vacina contra a covid-19 irá modificar o DNA dos seres humanos"
 Fato Fake
14. Analise a seguinte manchete: "Voluntários dos testes já morreram por terem se submetido ao uso das vacinas"
 Fato Fake
15. Em sua concepção há de fato um movimento de desqualificação do conhecimento científico nas escolas?
16. Se você compreende que realmente ocorre essa desqualificação do conhecimento científico nas escolas, descreva como ela é vista por você em seu cotidiano. Isso acontece em sua área de atuação? Isso acontece em outras áreas? Quais?
17. Quais sugestões você pode dar para que as pessoas não caiam em *Fake News*?
18. Para finalizar a pesquisa, como você se reconhece politicamente?
 Direita
 Centro
 Esquerda

APÊNDICE B – ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

1. Primeiramente, me fala um pouco da sua carreira, você é professor de que? E seu cargo é de designação temporária ou cargo efetivo?
2. Politicamente, como você se considera? De direita, esquerda ou centro?
3. Você consegue dizer a partir de que momento da nossa história recente essa onda de *fake news* começou a ficar em alta?
4. Como você tem visto o crescimento das *Fake News* nos últimos anos? Você acredita que simplesmente elas fazem parte da nossa vida e que não há necessidade de ser feito nada, pois elas “caem por si só”?
5. Em sala de aula, qual sua conduta, ao se deparar com *fake news*?
6. Você já caiu em *fake news*? Como soube de que se tratava de *fake news*?
7. Você poderia citar uma *fake news* em que caiu?
8. Vou expor algumas situações comuns nos dias de hoje, e você vai me expor a sua opinião a respeito. A primeira situação é: Uma determinada mulher após ter feito sexo casual sem nenhuma prevenção com seu parceiro que mal conhecia descobriu que estava grávida e como estava na sua melhor fase da carreira optou-se por abortar. O que você pensa a respeito? Ela não teria direito pelo próprio corpo?
9. Outra situação, um jovem do sexo masculino decide usar roupas femininas pois se identifica como sendo do sexo feminino, e que sente atrações por mulheres, sendo identificado como mulher transgênero homossexual. O que você pensa a respeito? Você acredita que as ideologias de gênero podem ser atribuídas à distúrbios psicológicos?
10. Última situação para analisarmos, uma escola X do interior de uma cidade, realiza mensalmente oferendas à orixás acompanhados de batuque e dança com os alunos. O que você pensa a respeito? Você concorda com manifestações religiosas dentro da escola?

Obs.: Algumas perguntas foram incluídas de acordo com a resposta que os entrevistados foram dando, não ficando condensado à apenas essas perguntas supracitadas, isso pode ser percebido nas respostas dos sujeitos analisadas nos resultados e discussões.

APÊNDICE C – GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E PÚBLICO DIVERSO

Público-alvo: O Público-alvo deste guia didático não se restringe à apenas os professores da área de humanas que responderam ao questionário e a entrevista dessa pesquisa, o guia pode atingir também os demais professores dos outros componentes curriculares bem como demais alunos e público diverso.

APRESENTAÇÃO

O mundo globalizado, principalmente este que emerge no século XXI através das plataformas digitais, nos expõe cada vez mais ao acesso à informação e comunicação mediados por máquinas digitais que, com um simples clicar, nos permite acessar diferentes pessoas e lugares instantaneamente. Estamos a todo momento conectados a tudo e a todos, buscando dados sobre tudo e sobre todos. A alguns anos atrás, as pessoas só se informavam através do rádio e/ou televisão e, por muitas vezes à noite, pois era o momento que a maioria da população reservava para acompanhar os acontecimentos de sua cidade, estado e país, bem como de outras regiões do planeta. Isso sem falar naquela parcela populacional que tinha o hábito de ler as notícias em jornais impressos, uma realidade que não cabia em todos os contextos.

Diante disso, é possível compreender que as notícias circulam com muito mais rapidez e velocidade se comparado a alguns anos atrás, apesar de muitas de suas informações serem passíveis de abarcarem mentiras, distorções sobre fatos. Esse fenômeno que só foi possível a partir da emergência da internet pode ser muito positivo para uma sociedade em vários aspectos, como, por exemplo, ao divulgar uma campanha de vacinação; ao noticiar tragédias, perigos com a violência; ao anunciar escândalos políticos, sejam eles na esfera municipal, estadual e/ou federal etc. Por outro lado, isso pode levar à ruína de outrem, quando acontece da referida notícia se tratar de uma mentira construída através da manipulação de dados e fatos.

Neste contexto, este produto final, é um guia didático com sugestões de orientações de como não cair em *fake news*, que pode servir tanto para professores como para alunos no modo geral.

Assim, desejo bom proveito das mesmas!
Sucesso!

Kêmeron Chagas dos Reis Almeida

Guia de prevenção às *FAKE NEWS*

Você sabe o que são as chamadas *fake news*?

Nos últimos anos esse termo tem sido utilizado para se referir às notícias falsas que rapidamente viralizam na internet, são informações produzidas de forma inverossímil que, sem a devida averiguação, leva o leitor a considerá-las verdadeiras. E isso numa grande proporção, dependendo do que está sendo veiculado, pode causar uma “catástrofe” de injustiças. Então fique ligado nas dicas e saiba como não cair em *fake news*.

5 TIPOS DE *FAKE NEWS*

PARÓDIA OU SÁTIRA: não quer necessariamente causar mal, mas pode enganar o leitor;

CONTEÚDO IMPOSTOR: usa-se o nome de uma pessoa ou marca, mas com afirmações irreais;

FALSA CONEXÃO: a chamada da notícia não condiz com o conteúdo apresentado;

FALSO CONTEXTO: o conteúdo é verdadeiro, mas é compartilhado com um contexto falso;

CONTEÚDO FABRICADO: informação 100% falsa e construída para causar algum mal e espalhar um boato.

NÃO CAIA EM *FAKE NEWS*, SIGA AS DICAS

Busque a fonte original → não tem fonte? Não repasse;

Pesquise outra fonte → busque a fonte original;

Quem publicou? Cheque o histórico → leia a notícia inteira;

Confira a data → está em dúvida? Não repasse;

Muitos adjetivos? Desconfie.

Este guia didático será disponibilizado na Secretaria de Educação da cidade de Presidente Kennedy – ES, a fim de ser oferecido aos educadores que lecionam no município bem como os alunos do mesmo. O guia didático será divulgado em formato específico para às redes sociais a fim de obter maior abrangência.

Figura 1 – Guia didático para impressão (capa)



Fonte: Material produzido pelo pesquisador (2021)

Figura 2 – Guia didático para impressão (interior)

Fonte: Material produzido pelo pesquisador (2021)

Figura 3 – Guia didático (versão para redes sociais)

Você sabe o que são as chamadas fake news?

Nos últimos anos esse termo tem sido utilizado para se referir às notícias falsas que rapidamente viralizam na internet, são informações produzidas de forma inverossímil que, sem a devida averiguação, leva o leitor a considerá-las verdadeiras. E isso numa grande proporção, dependendo do que está sendo veiculado, pode causar uma “catástrofe” de injustiças. Então fique ligado nas dicas e saiba como não cair em fake news.



Kêmeron Chagas dos Reis Almeida
@kameron

Figura 4 – Guia didático (versão para redes sociais)

5 TIPOS DE FAKE NEWS



PARÓDIA OU SÁTIRA:
não quer necessariamente causar mal, mas pode enganar o leitor



FALSA CONEXÃO:
a chamada da notícia não condiz com o conteúdo apresentado



CONTEÚDO IMPOSTOR:
usa-se o nome de uma pessoa ou marca, mas com afirmações irreais



FALSO CONTEXTO:
o conteúdo é verdadeiro, mas é compartilhado com um contexto falso



CONTEÚDO FABRICADO:
informação 100% falsa e construída para causar algum mal e espalhar um boato



Kêmeron Chagas dos Reis Almeida
@kameron



Fonte: Material produzido pelo pesquisador (2021)

Figura 5 – Guia didático (versão para redes sociais)

NÃO CAIA EM FAKE NEWS, SIGA AS DICAS

BUSQUE A FONTE ORIGINAL	→	NÃO TEM FONTE? NÃO REPASSE
PESQUISE OUTRA FONTE	→	BUSQUE A FONTE ORIGINAL
QUEM PUBLICOU? CHEQUE O HISTÓRICO	→	LEIA A NOTÍCIA INTEIRA
CONFIRA A DATA	→	ESTÁ EM DUVIDA? NÃO REPASSE
MUITOS ADJETIVOS? DESCONFIE		





Kêmeron Chagas dos Reis Almeida
 @kameron

Fonte: Material produzido pelo pesquisador (2021)

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FATO OU FAKE - COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

Pesquisador: KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47203021.5.0000.8207

Instituição Proponente: INSTITUTO VALE DO CRICARÉ LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.140.058

Apresentação do Projeto:

Conforme documentação apresentada pelo autor, esta pesquisa será realizada por meio de uma pesquisa envolvendo professores da área de humanas do município de Presidente Kennedy – ES, onde se buscará analisar a conduta desses professores ao se depararem com Fake News. Sendo assim, devido a essa crescente onda de Fake News e como elas são prejudiciais a uma sociedade que se deu o interesse pela pesquisa. Reforça ainda que a pesquisa é necessária para que os professores se atentem quanto às inverdades compartilhadas no processo educativo, tendo em vista que ele é um dos responsáveis pela formação crítica e formadora desse aluno. Reconhecendo os riscos que as fake news possuem numa sociedade, entendendo a importância de combatê-las, principalmente quando elas chegam em sala de aula.

Possuindo ainda como objetivo analisar a conduta desses professores ao se depararem com Fake News e, como objetivos específicos. Verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação.

Compreender quando constatarem que alguma informação divulgada pelas mídias sociais não é verdadeira. Analisar quais recursos utilizam para verificar se a informação dada pelo aluno é fake new. Propor como produto final a criação de uma cartilha digital explicando métodos de como não cair em Fake News.

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITÁRIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 5.140.058

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo Principal:

Analisar a conduta desses professores ao se depararem com Fake News.

Objetivo Secundário:

- Verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação;
- Compreender quando constatarem que alguma informação divulgada pelas mídias sociais não é verdadeira;
- Analisar quais recursos utilizam para verificar se a informação dada pelo aluno é fake new.
- Propor como produto final a criação de uma cartilha digital explicando métodos de como não cair em Fake News.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, o pesquisador utiliza enquanto base legal a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e graduações variados. Nesta pesquisa, como desconforto e riscos em potenciais este estudo prevê que você possa sentir um constrangimento ao responder as perguntas. Para minimizar este constrangimento, será direcionado através do e-mail pessoal de cada professor que irá participar desta pesquisa, onde possa se sentir mais confortável e a vontade para realizar a entrevista.

Quanto aos Benefícios: Espera-se, com esta pesquisa, demonstrar a importância de verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação e, a partir dos resultados obtidos, propor à Secretaria Municipal de Educação do município de Presidente Kennedy formações continuadas para os professores, que aborde como não cair em Fake News.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Recomenda-se a revisão ortográfica;

Autor enfatiza que a pesquisa será de cunho qualitativo, em que a coleta de dados será realizada através de um questionário aplicado aos docentes por meio de uma entrevista semiestruturada e enviada através de formulário online pelo whatsapp, por decorrência da pandemia do COVID 19.

Assim, o produto final proposto nesta dissertação trata-se de um guia didático contendo sugestões de orientações de como não cair em Fake News. Após a aprovação desta dissertação o mesmo será entregue para a Secretaria Municipal de Educação (Seme) de Presidente Kennedy para que possa ser divulgado e disponibilizado para as escolas, professores e alunos.

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 5.140.058

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou os seguintes termos:

- TCLE do professor;
- Projeto Original do estudo proposto com os questionários e cronograma;
- Folha de rosto devidamente preenchida, assinada e carimbada;
- Termo de teste (autorização da Instituição coparticipante).

Recomendações:

Revisão ortográfica

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não se aplica

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreçadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, Item XI 2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1713493.pdf	03/09/2021 18:31:13		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_teste_TCLE_teste_.docx	03/09/2021 18:30:01	KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_estadual_teste_.jpg	03/09/2021 18:25:26	KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Termo_projeto_TERMO_.odt	03/09/2021 18:21:47	KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TEXTO_TERMO_TEXTO.pdf	03/05/2021 14:49:43	KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA	Acelto
Folha de Rosto	Texto_Testes_rosto.pdf	03/05/2021 14:44:11	KEMERON CHAGAS DOS REIS ALMEIDA	Acelto

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br



Continuação do Parecer: 5.140.058

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO MATEUS, 01 de Dezembro de 2021

Assinado por:

**José Roberto Gonçalves de Abreu
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
UF: ES Município: SAO MATEUS
Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ivc.br

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Fátima Agrizzi Ceccon, ocupante do cargo de Secretária de Educação na “Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Rede Municipal de Presidente Kennedy”, autorizo a realização nesta instituição de ensino a pesquisa FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA, sob a responsabilidade do pesquisador Kêmeron Chagas dos Reis Almeida, tendo como objetivo primário (geral) Analisar a conduta desses professores ao se depararem com Fake News, bem como verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy-ES, 08 de Março de 2021.

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

Fátima Agrizzi Ceccon
Secretária Municipal de Educação
Decreto n° 189/2019

Para realizar esta pesquisa foi necessário pedir autorização para a representante pública da Secretaria Municipal de Educação, Fátima Agrizzi Ceccon, que responde pelas escolas do município.

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR DA ESCOLA ESTADUAL

E.E.E.F.M. PRESIDENTE KENNEDY
 CNPJ: 03.368.502/0001-6R
 Entidade Mantenedora: Gov. do Estado do E. Santo
 Ato de Criação - Portaria 2.226 de 09/08/67
 Ato de Aprovação Res. CEE Nº 41/75 de 28/11/75
 Ato de Criação E.M. - Portaria 2.644 de 16/01/90
 Ato de Aprovação Res. CEE Nº 116/96 de 25/09/96
 Rua: Manoel Lúcio Gomes, Nº 20 - Centro
 Tel: (28) 3535-1460 - 3535-1342
 PRESIDENTE KENNEDY - ES

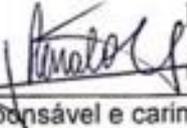
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, José Renato Calvi Lima, ocupante do cargo de Gestor na "EEEFM Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Presidente Kennedy-ES", autorizo a realização nesta instituição de ensino a pesquisa FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA, sob a responsabilidade do pesquisador Kêmeron Chagas dos Reis Almeida, tendo como objetivo geral Analisar a conduta desses professores ao se depararem com Fake News, bem como verificar as estratégias que os mesmos utilizam ao se encontrarem nessa situação.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy-ES, 08 de junho de 2021.



José Renato Calvi Lima
 Diretor Escolar
 Port. N° 1363-S de 28/11/2017

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

Para realizar esta pesquisa também foi necessário pedir autorização para o diretor da escola estadual, José Renato Calvi Lima.